

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

|                                                                                                       |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| A formação espiritual nos colégios católicos                                                          |     |
| <i>Mensagem do Santo Padre ao VII Congresso inter-americano de educação católica</i> . . . . .        | 257 |
| Para uma maior intensificação do apostolado dos Estados de Perfeição na América Latina                |     |
| <i>Alocução do Santo Padre aos Superiores e Superiores Gerais</i> . . . .                             | 260 |
| O direito dos Irmãos das Escolas Cristãs de ensinar a religião                                        |     |
| <i>Carta do Cardeal Prefeito da Sagr. Congreg. dos Religiosos</i> . . . . .                           | 265 |
| A missão do Capelão na Comunidade Religiosa                                                           |     |
| <i>Dr. Pe. Heriberto Bulkowski S. V. D.</i> . . . . .                                                 | 267 |
| Papel do Irmão Leigo na Igreja de hoje                                                                |     |
| <i>Pe. Frei Angelino Caio Feitosa O. F. M.</i> . . . . .                                              | 279 |
| Diretrizes e Bases — uma análise objetiva e serena                                                    |     |
| <i>Prof. Henrique Euclides da Silva</i> . . . . .                                                     | 283 |
| A falta de simpatia dos cristãos piedosos                                                             |     |
| <i>Arthur Robuske S. J.</i> . . . . .                                                                 | 293 |
| Casos práticos sobre o Direito das Religiosas — IX — da exploração da vontade de Noviças e Religiosas |     |
| <i>Pe. Frei Rafael de União dos Palmares O. F. M. Cap.</i> . . . . .                                  | 303 |
| Cooperação da Religiosa no apostolado paroquial                                                       |     |
| <i>Consultório jurídico canônico da C. R. B.</i> . . . . .                                            | 307 |
| Uma obra social na França: o Ninho                                                                    |     |
| <i>Departamento de Serviço e Assistência Social</i> . . . . .                                         | 308 |
| Correspondência das Secções Estaduais                                                                 | 311 |
| Comunicações                                                                                          | 315 |
| Novas Fundações                                                                                       | 320 |
| Bibliografia                                                                                          | 320 |

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Antônio Semin (Frei Amadeu de Caxias OFMCap.)

## DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS

### I

## A FORMAÇÃO ESPIRITUAL NOS COLÉGIOS CATÓLICOS

**Mensagem de S. S. João XXIII ao Congresso Interamericano de Educação Católica, celebrado em São José de Costa Rica (23-31 de jan. de 1960).**

*O VII Congresso da Confederação Interamericana de Educação Católica foi realizado na cidade de São José (Costa Rica) de 23 a 31 de janeiro do c.a. O tema central do Congresso: "Resultado da formação espiritual dos colégios Católicos" foi elaborado após um inquérito feito pelas Federações nacionais de educação católica sobre a crise religiosa dos adolescentes, rapazes e moças, de 15 a 18 anos.*

*A mensagem que apresentamos é uma tradução do texto francês publicado pela Revista "La Documentation Catholique", n.º 1.323, de 6 de março de 1960.*

**Aos Nossos Veneráveis Irmãos e Queridos Filhos  
Participantes do VIII Congresso Interamericano de Educação  
Católica**

Depois de uma diligente preparação da qual participaram, numa colaboração fraternal, pessoas experimentadas e competentes dêsse continente todo, a nobre e hospitaleira cidade de São José de Costa Rica vai em breve acolher o VII Congresso interamericano de educação católica, que abre à Nossa alma uma justa esperança de excelentes frutos. Recebei, veneráveis Irmãos e queridos filhos, com Nossa cordial saudação, a certeza de uma oração especial para que vossos trabalhos, iniciados sob os melhores auspícios, contribuam em espalhar mais luz na solução dos problemas de educação que atualmente se apresentam em vossos países.

O questionário que será desenvolvido durante êsses dias, elaborado na base de um inquérito realizado pelas organizações filiadas à vossa Confederação, tem por tema central: "O resultado da formação espiritual nos colégios católicos"; tema de especial importância, sobre o qual Nós agora queremos vos sugerir algumas considerações.

## A essência da educação: a colaboração com a graça

A uma piedade na infância segura, mas esquecida na adolescência, às vezes pode infelizmente seguir, nos jovens que entram no mundo, um verdadeiro naufrágio na fé. É este um fenômeno que, por sua gravidade, chama a atenção e reclama o exame sério de todo educador consciente de sua missão.

É princípio de pedagogia católica que a essência da educação consiste na colaboração com a graça divina, para a formação de um verdadeiro e perfeito cristão. Se é certo que os valores naturais não devem ser negligenciados, todavia "é falso todo naturalismo pedagógico que, de qualquer maneira que seja, exclue ou tende a diminuir a ação sobrenatural do cristianismo na formação da juventude" (1).

Por conseguinte, uma educação não superficial, mas profunda e de grande alcance, será antes de tudo o fruto da graça; ela receberá seu impulso dum ambiente de família no colégio, duma disciplina suave, formadora de bons costumes, de otimismo e de alegria; será alimentada por um trabalho no qual os superiores prestarão uma atenção especial, para cada um dos que é necessário ajudar eficazmente para alcançar a perfeição.

### Formar a personalidade do adolescente

O espírito de iniciativa, um clima de espontaneidade e de sinceridade na vida religiosa do adolescente, serão as condições de perseverança na linha de comportamento que a vida do colégio lhe traçará para o futuro. O adolescente está numa idade na qual ele próprio deve se esforçar para descobrir seu ser e para formar sua personalidade; e é aos seus educadores, e particularmente ao seu diretor espiritual, que incumbe a tarefa de o ajudar nesse esforço. Filho de Deus, membro do Corpo místico, tem ele um lugar especial na Igreja. É isto que ensina São João quando se dirige aos adolescentes; "Escrevo-vos, jovens, porque vós vencestes o maligno" (I Jo 2, 13). A Igreja não deixa de reconhecer as riquezas que a juventude traz e de animar sua evolução e seu desenvolvimento legítimos. Isto porque, desde os primeiros anos do menino, ela tem tão grande interesse para a educação da vida de sua fé bem como para a formação de sua consciência e para o conhecimento do bom uso de sua liberdade.

### Dirigir-se à sua inteligência, à sua vontade e a seu coração

A catequese intelectual será pouco eficaz se não fôr acompanhada de uma educação que se dirija ao mesmo tempo à inteligência, à vontade e ao coração do adolescente; a religião compreende o homem, todo,

---

1) Pio XI, Encíclica "Divini illius Magistri".

isto é toda a conduta da sua vida que deve ser orientada em função da mensagem cristã, pondo em prática toda uma pedagogia da vida espiritual pela qual o jovem toma conhecimento da relação que existe entre as verdades que se lhe ensina a crer e as aspirações interiores que brotam de sua personalidade para os ideais de justiça, de caridade e de retidão moral.

### **Cultura religiosa acompanhando a cultura profana**

Os colégios católicos se esforcem para dar aos seus alunos uma preparação à vida por meio de uma bagagem religiosa correspondente às suas necessidades. Na maioria dos casos, essa bagagem não é suficiente para que mais tarde eles possam dar uma resposta adequada a todos os problemas que lhes serão apresentados no decorrer de sua existência e em particular para a extensão de seus conhecimentos aos outros ramos do saber. Isso porque sua bagagem deverá ser ampliada e completada por uma ulterior formação, especialmente de caráter deontológico. Sua cultura religiosa deverá desenvolver-se cada dia mais acompanhando as crescentes aquisições de sua cultura profana, literária ou científica.

Um papel importante nesse trabalho será representado pelas associações pós-escolares, pelas cátedras de cultura religiosa superior, mesmo dentro da universidade, pelas obras do capelão universitário e pelas organizações que procuram reforçar e continuar o trabalho do colégio.

### **Uma formação que prepare às responsabilidades da vida de adulto**

A formação não se estende somente à vida do colégio, mas também e principalmente deve ser concebida como uma preparação do aluno para enfrentar as responsabilidades familiares, cívicas e profissionais da vida de adulto. Não se devem perder de vista os diversos meios nos quais ele se encontra ou se poderá encontrar mais tarde, assim como a influência das correntes de pensamento que atualmente são tão profusamente colocadas ao alcance de todos através das técnicas de difusão. Ele deve ser colocado em condição de enfrentá-las com responsabilidade pessoal. Assim vemos com prazer os esforços que são feitos para uma educação ao apostolado, ao exercício da caridade. O arrebatamento, com decisão e prudência, ao dom de si mediante atos na medida de seus meios, conseguirá que o aluno, amanhã, possa responder melhor às exigências de sua própria vocação, de qualquer espécie ela seja.

A liturgia da Igreja, aprofundada e vivida; o estudo, sob o aspecto moral, dos conhecimentos mundiais ou locais e das várias expressões da cultura e da vida social, em reunião ou em assembléias, constituem outros tantos meios pelos quais todo jovem irá introduzir-se no mundo de amanhã e encarnará na realidade concreta as verdades que terá

apreendido.

Que o ideal de todo mestre que quer imitar o *Magister bonus* (cf. Mc 10, 17), Jesus Cristo, seja de fazer de modo que se incorpore à sociedade uma juventude pura, sólida, generosa e apostólica, que, animada do sentido da Igreja, dê a Ela vocações sacerdotais e religiosas, e à pátria lares cristãos.

— O —

Não duvidamos que, seguindo os traços dos Congressos anteriores e de conformidade com as diretrizes que a hierarquia vos traçou, o atual Congresso aumenta o justo prestígio de vossa Confederação, oferecendo dêsse modo às autoridades interessadas de vossos diferentes países uma colaboração eficaz e generosa para o bem comum da sociedade. Que atraia essas graças sobre vossos trabalhos a Bênção apostólica que de todo coração Nós concedemos a vós todos que participais a êste Congresso ou que lhe destes vossa cooperação.

Cidade do Vaticano, 10 de Janeiro de 1960

Joannes XXIII, PP.

## II

### PARA UMA MAIOR INTENSIFICAÇÃO DO APOSTOLADO DOS ESTADOS DE PERFEIÇÃO NA AMÉRICA LATINA

**Alocução do Santo Padre aos Superiores e Superiores Gerais dos Institutos de Perfeição — 25 de março de 1960**

*Convocadas pelo Pontifícia Comissão para a América Latina e presididas por Sua Emcia. o Card. Marcelo Mimmi, seu Presidente, em fins de março foram realizadas várias reuniões dos Superiores e Superiores Gerais, Procuradores, Assistentes, Provinciais para estudar os problemas de apostolado do continente latino-americano e apresentar os meios de uma mais intensa colaboração dos Religiosas nesse vasto campo de apostolado.*

*Esperando dar no próximo número ampla resenha dessas reuniões, apresentamos agora o Discurso do Santo Padre, dirigido a todos os Superiores e Superiores Gerais, que precedeu a esses estudos, dando assim amplas diretivas e animando a uma completa colaboração com a Sagrada Hierarquia da América Latina.*

Queridos filhos e filhas,

Movidos por uma viva ânsia apostólica, por essa "sollicitudo omnium Ecclesiarum" (2 Cor 11, 28) que reina em Nosso coração, ace-

demos prazenteiramente ao desejo da Pontifícia Comissão para a América Latina de conceder-vos uma audiência especial, Superiores e Superiores Gerais dos Institutos de Perfeição.

Ao ver-vos aqui reunidos em genuína e santa fraternidade enche-se Nossa alma de satisfação; e, simultaneamente, folgamos em considerar tudo o que cada um de vós representa dentro das múltiplas modalidades de apostolado às quais os filhos e as filhas de vossos Institutos se dedicam generosamente nos hospitais, nas escolas, nos asilos, tanto nas grandes cidades como entre os povos espalhados em todos os continentes.

### **Programa imediato de ação.**

Quisemos-vos junto de Nós para fazer-vos partícipes de Nossos anelos e de Nossas esperanças, para convidar-vos a examinar os urgentes problemas religiosos dos Países Latino-americanos, justamente enquanto se prepara um plano de trabalho esmerado e oportuno para enfrentar suas crescentes necessidades.

Trata-se de unir as energias santas da Igreja — as maravilhosas forças das antigas Ordens Religiosas, das numerosas Congregações, das Sociedades e Institutos masculinos e femininos de perfeição e de apostolado e dos mais recentes Institutos Seculares — para orientá-las, cada vez com mais eficácia, para os amplos horizontes que nessas terras se abrem para receber sua benéfica influência. É necessário, de fato, enviar pessoal em número quanto mais possível, proporcionado à abundância da messe que espera; pedem-se novas fundações de escolas, de hospitais, de asilos, de obras de caráter social; é mister, além disso, intensificar os quadros, mesmo sendo já importantes e vastos, das atividades existentes; e, sobretudo, espera-se um cuidado especialíssimo das vocações sacerdotais e religiosas.

### **Recordando a III Reunião do CELAM**

O assunto desta audiência evoca em Nós uma suave lembrança. Aos 15 de novembro de 1958, um dos primeiros e palpitantes dias de Nosso Pontificado, tivemos o prazer emocionante de receber nesta mesma sala o soe grupo de Cardeais, Arcebispos e Bispos que participaram da terceira reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano. Tratava-se então, o mesmo que hoje, de dar algumas diretrizes em relação a uma atividade pastoral, cada vez mais eficaz e coordenada, naquelas imensas regiões tão abençoadas por Deus e desde séculos fiéis à Igreja, apesar dos perigos e sérias dificuldades sobre as quais já o Nosso Predecessor Pio XII, de feliz recordação, chamou a atenção dos Católicos do mundo inteiro (cfr. Discurso de 5 de outubro de 1957 ao II Congresso mundial do Apostolado leigo, "Discorsi e Radiomessaggi, XIX, p. 469). Na circunstância que temos evocado, Nós mesmos não deixamos de dar expansão à nossa alma diante dos Irmãos no Episcopado. "Observa-se repetidamente — dizia-

tanto na vida privada como na familiar e social. E vem salientada com especial preocupação, a insuficiência realmente considerável dos operários evangélicos em relação às necessidades cada vez maiores desses Países (A. A. S., L (1958), pág. 100).

### **Iniciativas e esperanças**

Desde então, com o diligente interesse do Episcopado e com o trabalho contínuo da Pontifícia Comissão para a América Latina, tem aumentado a tal ponto os empreendimentos que, com fundamento, se pode esperar deste fecundo movimento faustos resultados para o futuro. Sem dúvida, os motivos das ânsias e preocupações subsistem ainda, principalmente no que se refere ao número de sacerdotes não proporcionado ao rápido desenvolvimento das grandes cidades e ao aumento geral da população.

Partindo desse estado de coisas e com o desejo de estabelecer com a maior urgência possível as bases do florescimento de amanhã surgiu este encontro de hoje. Encontro que se reveste, ademais, de uma significação íntima e profunda, se se considerar à luz do grande acontecimento que a Sagrada Liturgia propõe hoje à piedade dos sacerdotes e dos fiéis com relevos místicamente densos de idéias.

### **Festa da Anunciação: estímulo ao apostolado**

A festa da Anunciação apresenta, de fato, o mistério da Encarnação do Verbo e da elevação, n'Ele e por Ele, de todo o gênero humano. O Verbo se faz carne e vem habitar entre nós: "et vidimus gloriam eius" (Jo 1, 14). Esta glória divina se difunde na humanidade invadindo-a profundamente mediante Aquêlo no qual "inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter" (Col 2, 9). E a Virgem Santa, escolhida para ser sua Mãe bendita, oferece-lhe, com a natureza humana tomada em seu seio imaculado, toda a família humana trazida desta forma à realidade de uma nova vida: neste misterio, como sublinha místicamente Santo Ambrósio "Ela é figura da Igreja que é imaculada e espôsa. Uma Virgem nos concebeu pelo Espírito Santo e uma Virgem nos dá à luz sem dor" (Expos. in Lucam 2, 7; ML 1635-36).

Oh! Que horizontes de graça e de salvação para o mundo todo surgem diante desta visão! Na verdade é uma chamada universal que empenha a todos e a todos compromete para tornar contínua e eficaz a obra da Redenção encetada pelo Divino Salvador no instante em que chega ao mundo para cumprir a vontade do Pai (cfr. Hbr 10, 9; Ps 39, 9). Aqui está a explicação da missão sacerdotal e do convite suasivo das vocações; este é o sentido do estupendo florescimento das famílias religiosas, antigas e recentes, as quais, dentro de suas várias funções e atribuições, querem ser continuação e ajuda da missão santificadora do Filho de Deus.

A história e as características de vossos Institutos, o desenrolar-se

mos então — que à tenacidade, à sinceridade, à vivacidade da fé arraigada nos povos da América Latina e que de mil modos admiravelmente transparece, não corresponde sempre — como conviria — a prática da própria fé de vossas atividades em todos os setores da vida da Igreja, desde o caritativo ao escolar desde o missionário ao assistencial; sua presença ativa e eficaz nas várias nações, constituem uma prova concreta disso. Sob esta luz se compreende também quando até agora tendes feito, em fervorosa colaboração e à custa de verdadeiros sacrifícios, para aliviar as necessidades da América Latina, destinando à mesma meios e pessoas conforme vossas possibilidades: por isso vos expressamos a mais cordial e ampla gratidão.

Porém o mesmo anelo de cooperar para a Redenção não permite deter-se nos esforços realizados até agora, ainda que grandes, se não fôr fonte de ulteriores e generosas doações.

### **Fervor de zêlo, promessas de frutos**

O futuro da Igreja nos territórios Latino Americanos se apresenta rico de inefáveis promessas: e uma firme convicção. Nos diz que o espírito e a vida católica possuem nas regiões da América Latina reservas suficientes para despertar as mais belas esperanças. Os tesouros de bens espirituais, tão profundamente semeados no passado, e ainda mais os que no dia de amanhã irão cair de mãos cheias, deverão produzir certamente suaves frutos de santidade e de graça, fonte de alegria incontida para a Igreja de Deus. Esta fecundidade latente, porém, espera umas mãos sacerdotais que se abram semeando generosamente o apostolado: espera essas mãos, que ajudem a Hierarquia, dentre as fileiras compactas de Religiosos e Religiosas, para que se prodigalizem difundindo o Evangelho e dando testemunho dêle; necessita do apoio valioso de um laicato consciente e preparado, dócil e ardente, que acompanhe pelos novos caminhos, abertos à extensão do Reino de Deus, os passos daqueles que pregam a paz e anunciam o bem (cfr. Is. 52, 7; Rom 10, 15).

Para isso é necessário que quantos queiram compartilhar as ânsias apostólicas de Nosso coração envidem todos os esforços e sacrifícios para contribuir nas esperanças dêsse Continente.

Amplio campo está reservado a vossas Congregações se delas se escolherem com largueza de vistas, numerosos sacerdotes, religiosos e religiosas, que vão ajudar aquêles Bispos que os esperam de braços abertos. O setor é grande, requer empenho e é mister trabalhar com coração de apóstolos que preparem com seu sacrifício a colheita para as gerações vindouras: “euntes ibant et flebant, mittentes semina sua; venientes autem venient cum exultatione portantes manipulos suos” (Ps 125,5). Tudo quanto agora se consome com suores e com fadigas repercutirá um dia — disso estamos certos — em serena alegria para aquelas pessoas e instituições que tomarem com empenho esta santa causa e será também manancial de novas energias e de ulterior fecundidade.

## **Esmero pelas vocações e instrução religiosa**

É muito natural que o principal cuidado se dirija a cultivar, solícita e diligentemente, as vocações sacerdotais e religiosas. Se forem numerosas poderão assegurar um pujante porvir à Igreja na América Latina. Não podem ser esquecidos os problemas de formação de apóstolos leigos católicos, da escola, das Missões paroquiais em grande escala, da instrução religiosa aos fiéis de qualquer idade e condição, servindo-se ainda dos meios modernos das técnicas audiovisivas e da imprensa. De tôdas estas formas de trabalho urgente demos já, a seu tempo, no mencionado discurso aos membros do Conselho Episcopal Latino-Americano, um programa detalhado sobre o qual Nos permitimos chamar vossa atenção.

## **Exortações finais**

E concluindo a presente audiência, repetimos o convite de que vossos Institutos colaborem com a Hieraquia em espírito de harmonia e de submissão, procurando os altos interesses da Igreja e das almas. Uma doce esperança aflora em Nosso coração pressentindo que, nas próximas reuniões sabereis ultimar com boa vontade, propósitos eficazes sobre esta preciosa colaboração que atualmente se vos pede.

**Queridos filhos e filhas!**

Vosso pensamento talvez se fixa nas obras que com tantos sacrifícios vossas Famílias mantêm em todo o mundo; nas necessidades que se apresentam sempre com maior urgência a vosso zêlo; e, por contraste, nas limitadas disponibilidades de pessoal e de vocações que, talvez, os angustiam. Apesar disso, adiante e com coragem, queridos filhos. Os momentos presentes exigem de todos um programa decidido de ação: talvez amanhã já possa ser tarde diante do irromper dessas energias dissolventes que tentam opor-se em todo o mundo ao avanço da Igreja, principalmente lá onde pode parecer que o desprendimento das forças do bem é insuficiente em relação à quantidade e variedade de necessidades. Confiai no Senhor que saberá retribuir com o cem por um a todos os esforços que por Ele se façam, sempre que sejam ditados pela visão superior das necessidades da Igreja: "hilarum datorem diligit Deus" (2 Cor 9 7).

Desde êste instante queremos felicitar-Nos convosco por tudo quanto souberdes e quiserdes dar de vossas preciosas riquezas em prol desta causa; e estamos perto de vós todos com Nossas orações, a fim de que o Pai Celestial, em sua sábia Providência, queira multiplicar para utilidade vossa tudo o que fareis para o triunfo de seu Nome.

### III

## O DIREITO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS DE ENSINAR A RELIGIÃO

### Carta da Sagrada Congregação dos Religiosos

*Devido à sua importância prática, publicamos neste número de nossa Revista uma carta do Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, Card. Valério Valeri, endereçada a um Irmão Assistente dos Irmãos das Escolas Cristãs.*

*Em tal carta (que traduzimos do texto francês publicado em "La Documentation Catholique", n.º 1323 pág. 294) fica precisado o direito de os Irmãos ensinarem a religião, como decorrência da finalidade específica de sua Congregação, direito que não lhes pode ser contestado.*

*Serve tal carta também de estímulo para que cada vez mais e melhor se preparem os Irmãos para tão alta missão.*

Prot. S.R. 1 385/59

Roma, 26 de janeiro de 1959

Ao Revmo. Irmão Guilherme Félix, assistente geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, Roma.

Em carta de 15 de outubro de 1958, fazeis-vos o intérprete perante esta Sagrada Congregação do sentimento experimentado pelos Irmãos das Escolas Cristãs em determinadas regiões, pelo fato de se verem coletivamente recusar a autorização de ensinar a religião em seus colégios legitimamente estabelecidos. Por isso, eles estão privados da mais estimável de suas prerrogativas, que é a razão de ser de sua congregação, e o mais grave de seus deveres religiosos e profissionais. Ademais, o que constitui uma circunstância agravante, aquela medida envolve colégios onde esta missão foi cumprida, durante longos anos, antes e depois da promulgação do Código de Direito Canônico.

Deixando a interpretação autêntica do direito, especialmente do cânon 1373 § 2, à Comissão Pontifícia encarregada dessa interpretação, esta Sagrada Congregação, em resposta à vossa carta, limita-se a lembrar aqui a interpretação prática e usual observada até agora, inteiramente conforme ao espírito desta mesma Sagrada Congregação dos Religiosos.

Conforme o cânon 1373 § 2, a autorização dada pelo bispo para estabelecer uma casa religiosa em sua diocese, comporta em si a faculdade de exercer as obras próprias do Instituto, salvo as condições estipuladas na autorização da fundação.

Por conseguinte, a autorização de fazer uma fundação dada a um Instituto religioso ensinante, comporta a faculdade de ensinar a religião; porquanto se é verdade que ao aprovar o Instituto e suas constituições a Igreja lhe confia a missão de ensinar tôdas as disciplinas, ainda que profanas (cân. 1375), é igualmente verdadeiro que a Santa Sé pede especial-

mente a êstes Institutos e lhes recomenda de ensinar a religião, pois é a disciplina que exerce a maior influência na formação cristã da juventude. Pode-se a êste respeito, volver à carta dirigida pelo Papa Pio XII, de venerada memória, a Sua Emcia. o Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, aos 31 de maio de 1954.

O Código de Direito Canônico submete o exercício dêste apostolado à vigilância e ao contrôlo do Ordinário do lugar; por isso é que lhe recomenda aprovar os textos e os mestres de ensino religioso, assim como visitar os estabelecimentos escolares (Cân. 1381, 1382), os colégios religiosos não estando isentos destas prescrições (ver igualmente os cânones 618 § 2, 2.º, e 612 § 2, 3.º).

Porém, assim como os bispos não podem privar todos os religiosos sacerdotes de uma casa formada da jurisdição para ouvir as confissões (cân. 880 § 3; ver também o cân. 878 § 2), do mesmo modo, em se tratando de colégios de religiosos de sexo masculino, êles não têm costume privar coletivamente todos os religiosos de um colégio da missão de ensinar a religião; e isto independentemente do fato que os ditos Irmãos tenham ou não um diploma pontifício, o qual, como é sabido, autoriza os que o possuem a ensinar em tôda a Igreja.

O cânon 1373 § 2, que recomenda ao bispo de fazer dar o ensino religioso nas escolas médias e superiores por **sacerdotes**, não é jamais aplicado aos colégios religiosos, mormente masculinos, onde, geralmente, esta necessidade anda suficientemente satisfeita; isto redundaria, ademais, a privá-los de sua razão de ser principal na Igreja, como muito bem o dizeis em vossa estimada carta.

As fontes dêste cânon, que é invocado, não autorizam tampouco outra interpretação da que foi exposta, e que por outro lado é praticamente recebida como interpretação usual (cân. 29). Que se volte, por exemplo, para uma dessas fontes mais recentes, a Encíclica de S. Pio X, **Acerbo nimis**, de 15 de abril de 1905, cujo dispositivo n.º V assim está concebido: "Nas grandes cidades, e particularmente naqueles em que existem universidades, liceus, colégios, fundar-se-ão as escolas de religião para ensinar as verdades da fé e os preceitos da vida cristã à juventude que frequênta as escolas públicas em que não se ministra nenhuma noção religiosa" (Fontes, Vol. III, p. 653-654).

Por outro lado, limitando-se ao recente caso, esta Sagrada Congregação, conhecendo os programas de formação religiosa e a maneira de os aplicar da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, não hesita em recomendar a Sua Excia. o Snr. Arcebispo os Irmãos que os superiores designarão legitimamente para o ensino religioso.

Aproveito da ocasião para vos reafirmar minha grande afeição no  
Senhor.

*Valério Card. Valeri*  
*Prefeito*

# A MISSÃO DO CAPELÃO NA COMUNIDADE RELIGIOSA

*Pe. Heriberto Bulkowski, SVD*

## Introdução

1 — O capelão duma comunidade religiosa tem, em geral, uma posição no fôro externo. Este aspecto canônico-jurídico foi considerado nesta Revista.

O aspecto mais belo e mais interior, na luz sobrenatural, não é este canônico jurídico, mas sim sua missão e influência “espiritual” na vida espiritual da comunidade confiada a êle. Esta influência é em primeiro lugar **indireta**, pelo exemplo, por sua atuação litúrgica, no modo de rezar a missa, de dar a bênção, etc.

Mas podemos marcar uma grande influência **direta** que será maior ou menor conforme sua competência e discrição em assuntos espirituais. E ousamos dizer que é esta influência dita que faz com que a missão do Capelão é um dos mais belos apostolados do sacerdote, porque apostolado da vida interior.

2 — Falando de apostolado nos vem a propósito a queixa de Capelães franceses que formularam assim seus votos a respeito de seu apostolado:

“1) Parece digno e justo reabilitar na opinião dos confrades e superiores as diversas funções sacerdotais junto às religiosas. Já a reunião dos Cardeais e Arcebispos exprimiu-se assim: o ministério junto às religiosas deve ser estimado como um ministério de escôl, particularmente delicado, em que não é permitido de se meter sem preparação e atenção, sob pena de prejudicar gravemente as almas. 2) É fôrça constatar que a maior parte dos sacerdotes não estão preparados para tal ministério” (Directoire, pg. 13).

As palavras citadas valem também das comunidades de religiosos, talvez com maior razão ainda.

3 — Acrescentamos ainda que se fala hoje duma “crise da direção espiritual”, tanto no Congresso de Roma (Gregoriana), 1950, como no de Salamanca (1953), e isso por falta de bons diretores e por falta de estima da direção espiritual (Gregoriana, pg. 9 a 16) e Salamanca (pg. 6 a 15).

Orientar-nos e aperfeiçoar-nos neste apostolado da vida interior na comunidade confiada ao Capelão, eis o tema e finalidade dêste estudo.

Trataremos, **na parte geral**, do apostolado da vida espiritual do Capelão e do aperfeiçoamento no mesmo, para, **na parte especial**, considerar as três formas específicas dêste apostolado.

## PARTE GERAL: A MISSÃO ESPIRITUAL DO CAPELÃO

### I — Apostolado da vida interior

No quadro geral da Teologia Pastoral encontramos o ofício e a função do Capelão de comunidades religiosas ao lado de outras formas do apostolado sacerdotal da cura de almas, porém, como apostolado especializado. É o que queremos explicar:

#### *1 — É um verdadeiro apostolado sacerdotal*

Recordamos, em visão espiritual, a finalidade de nosso apostolado sacerdotal, em geral, e também, dum modo peculiar, diante de nossas comunidades religiosas: testemunhar a fé e a revelação sobrenaturais: “testis fidei” — “testis revelationis”, conforme as palavras de São João (Jo 1, 1-5): “O que ouvimos e vimos... isso anunciamos a vós afim de que tenhais comunhão conosco e nossa comunhão seja com o Pai e seu Filho Jesus Cristo”. É pois nossa missão pôr as almas em contato, em comunhão com o Pai e seu Filho, afim de que “crendo tenham a vida” (Jo 20, 31).

Somos medianeiros de Deus e dos homens — “mediator dei et hominum” — também para esta comunidade religiosa; e medianeiros dos homens, também desta comunidade junto a Deus.

Comunicamos as verdades e mistérios que conforme as palavras citadas de São João podemos definir: vida espiritual é a comunhão com o Pai e seu Filho, no Espírito Santo. É no batismo que recebemos os elementos essenciais desta vida: a graça santificante, a Trindade habitante em nossos corações, as virtudes teologais com os dons do Espírito Santo. Fomentar e fazê-la desabrochar em sua floração mais perfeita, eis nossa missão em nossa comunidade religiosa.

Devemos dizer que à luz sobrenatural nosso apostolado é um dos mais belos apostolados sacerdotais porque se ocupa diretamente só com a vida espiritual e não, com o de pároco, por exemplo, com outras tantas ocupações que não o são, com a carga da administração ou de construção material duma Igreja, Capela, Salão, etc. A nós foi confiada o apostolado da vida interior.

#### *2 — É um apostolado especializado*

A nossa missão não é promover, em geral, a vida sobrenatural, espiritual de simples fiéis e cristãos, como um pároco em sua paróquia,

ou um assistente eclesiástico nas fileiras da Ação Católica. Também os simples fiéis têm a obrigação geral de tenderem à perfeição da vida espiritual (Cf. Tanquerey, n. 353 ss.).

Mas é o apostolado de almas consagradas a Deus que se obrigam por título especial dos votos a tenderem à perfeição da vida espiritual. E somos nós os incumbidos de ajudar estas almas de escol na realização desta perfeição espiritual, almas que se devotam à vida espiritual como ao objeto de sua consagração profissional.

É em primeiro lugar a comunidade com tal, a casa, o instituto pelo qual temos que cuidar, e só em segundo lugar das almas individuais, conforme as circunstâncias e vontade de Deus. Estas casas ou comunidades podem ser provinciais ou gerais, noviciado, recolhimentos de religiosos idosos, de hospitais, orfanatos, colégios, educandários, sejam da vida ativa sejam da vida contemplativa (Directoire, 139 s.).

Tudo isso obriga-nos à maior especialização dentro de nosso apostolado já especializado, porque tôdas estas modalidades de mentes, espiritualidade, de tarefas apostólicas com seus problemas e dificuldades obrigam-nos a dar orientação adequada e luz.

### 3 — Conclusão

Em vista dêste nosso apostolado impõe-se uma dupla conclusão: a) devemos-nos aperfeiçoar neste apostolado especializado quanto à nossa própria atuação pessoal pelas qualidades necessárias, como também quanto ao objeto de conhecê-lo pelo estudo adequado. Sobre êste ponto falaremos logo depois; b) Uma segunda conclusão se impõe: a estima da vida espiritual, religiosa, apostólica e contemplativa.

É "conditio sine qua non" para um trabalho fecundo e profícuo a nossa estima da vida espiritual, em geral, pois esta estima há de nos estimular a procurar o nosso próprio progresso na vida espiritual, que é um dos fatores principais de atuação sacerdotal mais fecunda e santa.

Nas, dum modo todo especial, convém aprofundar-se na visão mais adequada da vida religiosa, pois os próprios religiosos esperam de nós orientação, compreensão de suas dificuldades e problemas, e animação no caminho longo a percorrer. Verdade é que há correntes e, não só no tempo de Leão XIII que as condenou, que opinam que a vida dos religiosos é antiquada e não para os tempos modernos, que os votos são um impedimento para a vida moderna e o apostolado moderno, etc. (Testem benevolentiae, 1899). Recordo no momento só a encíclica de Pio XII "Sacra Virginitas" que analtece a vida religiosa com seus votos. Convém lembrar uma palavra de S. Afonso de Ligório que Dom Jaime comunica na sua Teologia pastoral (pg. 109): "Mais grata é, sem dúvida, aos olhos de Deus, uma so alma perfeita do que mil imperfeitas". É nossa missão formar estas almas perfeitas para o agrado de Deus Trindade.

Uma falta de compreensão encontramos até em nossos meios sacerdotais com relação à vida contemplativa, clausurada. Não era somente

desejo de jornalistas precipitados de a Igreja abolir a vida claustral com a sua clausura papal quando se anunciou uma certa reforma de Pio XII na constituição "Sponsa Christi". Vale a pena ler as três alocuções de Pio XII aos contemplativos, onde mostra todo o vigor e a fecundidade sobrenatural dêste apostolado silencioso e escondido para o bem-estar do próprio Corpo Místico. Foi ao nosso tempo que a Santa Igreja deu uma lição sobre o valor e a importância dêste apostolado silencioso ao colocar S. Terezinha, uma contemplativa escondida, como Padroeira das Missões, ao lado do grande apóstolo São Francisco Xavier. Queria recordar-nos do apostolado essencial de rezar e se sacrificar silenciosamente que dá fecundidade sobrenatural ao próprio apostolado externo, porque sem a graça nosso apostolado sacerdotal é estéril e sem fruto. É óbvio que um Capelão numa comunidade contemplativa pode estimular muito mais as almas no seu caminho de imolação silenciosa quando vê a grandeza desta vida na luz sobrenatural.

Citamos como fecho uma bela palavra de Santo Tomás (II, II, 182,2,3): "Quanto autem homo animam suam vel alterius propinquius Deo coniungit, tanto sacrificium est Deo magis acceptum. Unde magis acceptum est Deo quod aliquis animam suam et aliorum applicet contemplationi quam actioni". Com outras palavras: o Santo Doutor estima como mais alto apostolado: formar almas interiores, espirituais.

## II — Aperfeiçoamento dêste apostolado

Dizemos "aperfeiçoamento", porque a formação fundamental todos nós a recebemos nos anos de nossa formação no Seminário e nos primeiros anos de nosso sacerdócio.

Podemos distinguir um duplo lado dêste aperfeiçoamento: um subjetivo: o cultivo das qualidades requeridas em nós para êste ministério; um objetivo: o objetivo a comunicar, a vida espiritual, cujos conhecimentos adquirimos pelo estudo da Teologia Espiritual. É de nossa personalidade sacerdotal sobrenaturalizada e de nossa competência e discrição em assuntos espirituais que depende a fecundidade espiritual de nossa atuação apostólica.

### 1 — O cultivo das qualidades necessárias

É a nossa personalidade sacerdotal o instrumento da vida e da graça que o Espírito Santo quer por nós comunicar à comunidade e às almas confiadas a nós. E recordemo-nos de que Santo Tomás e os autores defendem que "nós sacerdotes somos obrigados a uma santidade mais perfeita que os simples religiosos que não foram elevados ao sacerdócio" (Tanquerey, n. 377).

De modo especial podemos aplicar ao Capelão, em vista desta sua missão espiritual, as qualidades que os autores requerem para um bom diretor espiritual.

Em primeiro lugar apontamos a **caridade sobrenatural**, como alma

de qualquer apostolado sobrenatural, máxime dêste apostolado que é o mais despercebido. Esta caridade é a alma do “zelus animarum” que nos faz ver nas almas confiadas a nós nossos filhos espirituais conforme São Paulo: “Filioli mei quos iterum parturio, donec Christus formetur in vobis” (G 4,19). Esta caridade nos inspira atuando a paternidade espiritual, o cuidado, o zelo, o auxílio às almas para formar Cristo nelas, como de outro lado nos firma para não ceder a simpatias, antipatias, apegos ou afeições sensíveis naturais (Tanquerey, n. 544; Feckes, 171).

Ao lado da **experiência** e da **ciência** (sôbre a qual falaremos logo depois) é sobretudo a **prudência** e a **discrição** que devem controlar nossas palavras, ações e reações. Esta discrição e prudência são para um Capelão talvez mais necessárias do que para o próprio diretor espiritual, pois êle não atua sômente no fôro interno, mas simultâneamente no fôro externo. De facto, num inquérito em 40 Carmelos (que “Études Carmelitaines” comunica) foram apontadas como qualidades mais importantes para um diretor espiritual, a prudência e discrição (pg. 92. 94); (De Guibert, 182).

## 2 — O cultivo da Teologia Espiritual

a) Quanto à **necessidade** do estudo da Teologia Espiritual sintetizamos a doutrina dos autores: êste estudo é útil e necessário para nossa própria santificação, já que temos uma obrigação especial de tender à perfeição (Tanquerey, n. 35; Heerinx, pg. 206, 226).

Mas antes de tudo é necessário êste estudo para o apostolado sacerdotal em geral. Quanto mais, porém, no apostolado da vida espiritual e interior em que nós estamos por ofício? Com suas dificuldades, problemas, causas e condições, desenvolvimento e fases, obstáculos, dificuldades também criadas por conceitos errôneos a respeito de assuntos da vida espiritual?

b) **Orientação prática de nosso estudo.** No aperfeiçoamento prático podemos ver um tríptico aspecto que nos dá uma visão completa sôbre os assuntos da vida espiritual: o teológico-dogmático, o psicológico, o histórico.

1.º — **O aspecto teológico-dogmático** fornece-nos uma **visão essencial** da vida espiritual e de seus elementos: de sua natureza, da finalidade e de seus meios a serem aplicados, como leitura, confissão, sacramentos, penitências, oração; a importância do fim e a relatividade de todos os meios ascéticos; a posição das virtudes morais; de suas dificuldades e obstáculos no pecado, nas paixões e vícios. Mostra-nos a influência da graça e de nossa colaboração com ela; das fases do caminho espiritual a percorrer. Percebemos logo o quanto nos ajuda em nosso ministério o estudo dêstes problemas que se oferecem diâriamente a nós.

Não podemos deixar de focalizar, ainda que ligeiramente, a necessidade do estudo dos problemas da Mística, inclusive dos fenômenos extraordinários. Esteja-nos presente a distinção entre “mística essencial” que é a contemplação infusa, e a “mística acidental, acessória” dos fenô-

menos extraordinários. Por falta desta distinção ouvimos muitas vezes esta frase: "deixe-me em paz com a mística, a gente pode só se enganar". A verdade, porém, é bem diferente: nunca podemos desejar os fenômenos extraordinários: a contemplação infusa é porém um grande meio do progresso espiritual que portanto podemos desejar sob as devidas cautelas. Poulain no "grâces d'oraison" afirma que em tôdas as comunidades, cidades, aldeias, há tais almas que vivem uma vida mais intensa pela contemplação infusa (pg. 550).

Quanto ao modo prático de aperfeiçoar-se na Teologia Espiritual neste aspecto teológico-dogmático, aconselham os autores que se estude primeiro a fundo **um manual de espiritualidade** (p. ex. o Tanquerey, Compêndio), analisando-o, assimilando-o, e depois tome-se um ou outro manual para completar o primeiro (Ribet, Naval, De Guibert, Meynard, Zimmermann, Garrigou-Lagrange, Crisógono, Hertling, Saudreau, etc.). Ler uma outra **monografia** sobre assuntos espirituais (Poulain, Plus, Scüpoli, Francisco de Sales, S. João da Cruz, S. Teresa, etc.); estudar as **obras de Santos e mestres** da vida espiritual, escolhendo "um autor predileto; estudo das **hagiografias** (p. ex. S. Vicente de Paulo, Cura d'Ars, Sta. Catarina de Sena, etc.); as **autobiografias e diários** (Sta. Terezinha, Elisabeth Leseur, Maria da Trindade, Pe. Reus); os **Dicionários e Enciclopédias** (Dictionarie de Théologie Cath., sobretudo "Dictionaire de Spiritualité"); afinal as **revistas** da vida espiritual (La vie spirituelle, Asce-tique et Mystique, Geist und Leben, Revue Thomiste, REB, Sponsa Christi, Revista de Espiritualidad, El Monte Carmelo, etc.).

São, portanto, tantos meios e grupos que todos nos ajudam neste aperfeiçoamento. Somos nós que ganhamos em primeiro lugar, e, conseqüentemente, nosso apostolado, em clareza e segurança de doutrina.

2.º — O aspecto psicológico manifesta-nos cada vez mais o sentido profundo do adágio teológico: "gratia supponit naturam eamque non destruit sed perficit", porque quer estabelecer uma harmonia entre graça e natureza. É a psicologia com seu fundo somático que nos mostra a nós, hoje mais do que nos séculos idos, a influência da natureza, como fato ao lado do fator graça.

A psicologia tem três funções na obra da orientação espiritual: como **fonte** de informações sobre as qualidades, falhas do dirigido, dando-nos uma tipologia para enquadrar o indivíduo no conjunto de outros caracteres e tipos, como também os princípios de visão específica de sua individualidade, com os dados hereditários, caracteres biológicos, psíquicos e adquiridos, ambientais. Como meio de ação, instrumento de ajudá-lo, com tôdas as técnicas e métodos da psicologia e pedagogia espiritual: observação, caracteriologia, testes, conversa dirigida; métodos de sugestão, auto-sugestão, terapias, psicanálise, etc. Como **efeito**: a interrelação entre director e dirigido; a direção cria novas relações entre duas personalidades, relações psicológicas de auxílio, confiança, benevolência, amor, amizade (transferência, projeção, identificação, etc.) (Dict. d. Spiritualité

## III, 114).

Certifica-nos a Psicologia também sobre o caminho psicológico a percorrer na vida espiritual, que é o caminho de interiorização: do menos espiritual para o mais espiritual, ou do mais sensível para o menos sensível, e com isso, da influência crescente das virtudes teológicas como imolação crescente de nossa sensibilidade.

Já que a maioria das comunidades religiosas são comunidades femininas é para nosso ministério bem importante ter uma noção mais clara da **psicologia feminina** que é diferente da masculina: da psicossomática dos dois sexos quanto ao corpo, quanto à sensibilidade e emotividade, quanto ao intelecto e vontade. Anotemos, porém, que as religiosas têm sua psicologia diferenciada pela vida que confessam, de forma que se pode dizer; "as religiosas não são mulheres como as outras" (Directoire, 176. 19-136). Com isso devemos ter noção clara do que esperam as religiosas de nós sacerdotes. Uma religiosa beneditina formulou isso assim: "sacerdos-virgo, sacerdos-vir, sacerdos dux!" (Priester und Klosterfrau).

Este estudo da psicologia da religiosa nos é necessário para poder ajudar, mas também para nos orientar sobre possíveis defeitos da direção: diz Dom Jaime (Teol. Pastoral 109): "Acautele-se, porém, o sacerdote de ser guiado, em vez de guiar, pois ha quem tenha especial habilidade em ganhar para seus pontos de vista o próprio diretor de sua alma, a quem atribui os conselhos e orientação que ela mesma fornece, etc."

Uma nota ainda a respeito das **comunidades contemplativas**. A vida claustral cria uma psicologia especial com suas dificuldades de vida fechada, de convivência com um determinado número de pessoas, de psicologia feminina das coisas pequenas. Tudo isso há de ser considerado pelo Capelão para compreender sua missão de formar almas generosas de grandes ideais e não de coisinhas (Directoire 113, Spensa Christi).

3.º — O **aspecto histórico** completa nossa visão da vida espiritual, porque nos mostra o desenvolvimento histórico do estado religioso, de suas instituições e da própria espiritualidade.

Dá-nos primeiro o desenvolvimento da doutrina espiritual. Como em qualquer disciplina teológica, também a Teologia Espiritual passou por um processo de modificação e penetração maior. Hoje muitos pontos apresentam-se mais claros a nós do que aos séculos passados. Vemos com mais clareza: o que é condicionado pelas circunstâncias culturais e sociais e o que é natureza e de essência na vida espiritual. P. ex., a respeito de penitência, jejum, da mística essencial e acessória.

Há escolas diferentes de espiritualidade: beneditina, dominicana, franciscana, carmelitana, escola francesa, "devotio" moderna, ignaciana, etc. Porque há almas diferentes. Já os fundadores de ordens, congregações, institutos, escolheriam, conforme sua própria individualidade psicossomática, circunstâncias de tempo, povo, etc. certas verdades. Pois, cada autor traz sua individualidade, e cada alma tem "sua" espiritualidade. Concordam em pontos essenciais e fundamentais, trazem modalidades de in-

divíduo, de escolher certas verdades, de acentuar um ou outro ponto ou verdade.

Como Capelão duma determinada comunidade religiosa estamos diante duma escola de espiritualidade concreta, do fundador, de sua regra e devoção. Tratando-se duma ordem antiga, encontramos uma espiritualidade bem marcada e típica. Num instituto mais recente verificamos que se enconsta, quanto à espiritualidade, numa destas escolas antigas, dando-lhe, porém, vida própria com traços próprios e individuais. Tudo isso nos obriga a estudar também este aspecto histórico da espiritualidade concreta de nossa comunidade para ajudar as almas e formá-las conforme seu espírito próprio (Heerinckx, Pourrat, De Guibert, Tanquerey, Crisógono com seus aspectos das escolas e espiritualidades).

## PARTE ESPECIAL: AS TRÊS FORMAS ESPECÍFICAS DÊSTE APOSTOLADO

Considerando, agora, em concreto, a influência espiritual do Capelão em sua comunidade religiosa, podemos destacar duas funções principais, a do confessor-diretor espiritual e a do pregador (conferencista). Acrescentamos ainda o apostolado mais ocasional da correspondência espiritual.

### I — Confissão e direção espiritual

É mentalidade do Direito Canônico de separar o ofício de Capelão que é mais do fôro externo do de Confessor por ser do fôro interno, para evitar conflitos que facilmente se dão entre fôro externo e interno, mormente quando o Capelão é confessor ordinário ou extraordinário. Praticamente, porém, o Capelão há de exercer as funções de ordinário ou extraordinário em vista da falta de sacerdotes, nomeadamente no interior.

Tanto confissão como direção espiritual são meios ordenados diretamente à perfeição espiritual para a realização da obrigação dos religiosos de tenderem à perfeição.

Observamos ainda que conforme os autores (De Guibert, 169, Feckes, 169, Zimmermann 230) confessor e diretor espiritual não se identificam simplesmente, mas se distinguem pelas funções diferentes: pois, o confessor necessariamente é sacerdote que tem jurisdição e é juiz no sacramento, o diretor espiritual não precisa ser sacerdote e não tem nenhuma jurisdição para o ato de dirigir. O diretor é de livre escolha, o confessor em geral é dado à comunidade (ordinário, extraordinário, adjunto).

Assim explicamos primeiro a função do Capelão como confessor, depois como diretor espiritual, terceiro trataremos do problema: convém que o confessor seja simultaneamente diretor espiritual.

## 1 — O Confessor

a) Supomos aqui a disciplina eclesiástica que os cân. 518-528 focalizam sobre os confessores; também o cân. 595 sobre a confissão semanal dos religiosos; o cân. 530 sobre a liberdade de manifestação da consciência. Recordamos também os art. 121 a 127 do Concílio Plen. Brasileiro que já incluem a interpretação posterior dos ditos cânones. Observamos, porém, que o Concílio manda, no art. 121, que se leiam em português durante o retiro anual, os cân. 521, 522 e 523 do Código nas comunidades de religiosas. A respeito da manifestação da consciência manda ler anualmente o Decr. "Quemadmodum" (no art. 121).

b) Em vista disso pode atuar o Capelão como confessor ordinário, adjunto, especial, ocasional e de modo particular atender os enfermos.

É como confessor ordinário que o sacerdote sente o peso de confessar, por sua monotonia e pelas faltas repetida e faltinhas. Mesmo assim este trabalho silencioso regular é necessário em vista de nossa fraqueza humana de levantar e cair para sempre de novo nos orientar para a perfeição. E recorde-se o confessor que sempre é pai, juiz, doutor e médico, funções que devem esclarecer, animar, cortar e orientar para a semana seguinte. Devemos unir à bondade paternal a firmeza e a paciência (Directoire, 162 ss.).

Como para os religiosos requer a confissão um ato de fé na graça e força do sacramento, no sacerdote vestido dos poderes de Cristo, assim de nossa parte requer o mesmo ato de fé que comunicamos a graça, a vida divina às almas confiadas a nós. Não só os religiosos, também nós gostaríamos deixar uma ou outra vez a confissão. Para quebrar a monotonia que existe para ambos os lados poderíamos proceder em forma de diálogo, perguntando e reagindo às respostas.

O confessor extraordinário (e adjunto) é dado pela prudência da Santa Igreja para garantir a liberdade de consciência em vista da fraqueza humana: dar a possibilidade de se abrir em casos difíceis. Requer, pois, prudência especial para ouvir e perceber as necessidades duma alma. Observamos que ao múnus do confessor extraordinário se liga facilmente o de diretor espiritual de algumas almas que se abrem facilmente à nós.

Tanto para o confessor ordinário como para o extraordinário e adjunto é importante atender à unidade de orientação já que oriente a comunidade como tal. Pois de um lado, o religioso tem seu superior e sua regra, constituições, directórios, etc. Se doutro lado o confessor agir contra, sai logo prejuízo para as almas e também para o próprio confessor, dificultando e até impossibilitando seu apostolado de confessor e de capelão.

As funções de confessor especial, ocasional e dos enfermos não oferecem especial dificuldade. Notemos que o especial identifica-se mais facilmente com o diretor especial. Compreendamos as dificuldades que sentem os religiosos, sobretudo as religiosas, de confessar fora do tempo

de confissão semanal.

c) Dum modo todo especial apontamos o caráter da confissão semanal dos religiosos como **confissão de devoção** (Feckes 141) isto é, não tanto para apagar pecados mortais, mas sim como meio de progredir na perfeição. Acharmos de máxima importância a consciência desta finalidade das confissões semanais ou mais freqüentes dos religiosos. Pois, a Santa Igreja exige semanalmente e, doutro lado, como já observamos, há a dificuldade da monotonia que nos impede ver diretamente os frutos da confissão semanal. Desde os primeiros tempos da idade média foi a confissão freqüente praticada como meio mais importante do progresso espiritual, mais do que a própria s. comunhão. Conhecemos santos e homens fervorosos que confessaram todos os dias para tirar tôda e qualquer resistência à graça divina, para se unir mais intimamente a Deus. Assim a Igreja exige a confissão semanal daqueles que se devotam à vida mais perfeita. Parece contradição: os mais santos vão confessar mais vêzes. Mas na luz penetrante divina vê-se mais falhas e defeitos e impurezas do que numa luz mais fraca. É para a Santa Igreja importante de obter os frutos duma confissão mais freqüente: o perdão dos pecados, das imperfeições voluntárias, o aumento da graça santificante com as graças atuais para a luta diária. Acrescentamos ainda o exercício de tantos atos de virtudes diferentes para confessar: humildade, contrição, confiança no perdão e na misericórdia divina, a fé no sacramento e no sacerdócio, na palavra de Cristo. E também psicologicamente, impede-nos muitas vêzes o fato de dever confessar, de cometer mais faltas e leviandades. Mais ainda, é a submissão ao juízo da Igreja, à autoridade de seu sacerdote, que nos recorda de nossa condição de criaturas, do nada. Estamos diante de Deus, de sua majestade, de sua Santidade três vêzes santa. É a renovação da redenção pelo sangue do Cordeiro, o mistério do pecado e de sua santidade imensa.

d) **qualidades do confessor.** No cân. 524, § 1, a Igreja indica duas qualidades do confessor ordinário e extraordinário das religiosas que valem para todos os confessores de religiosos: "morum integritas et prudentia".

Apontamos mais uma vez a necessidade da **prudência e discrição** para o confessor que aqui é simultaneamente Capelão, recordando-nos desta qualidade que já apontamos como necessária para o apostolado do capelão.

Outra qualidade que nos parece importante é a **paciência**: a necessária calma de ouvir, de dar o tempo necessário. Pois com o dizer "não tenho tempo, faça depressa", fechamos as almas, sobretudo de religiosas. Todos nós encontramos no mundo tais almas que, por causa de impaciências dum confessor, não confessam durante anos. Esta paciência é dum modo peculiar necessária para as confissões de contemplativas, devido à psicologia especial da vida clausurada. E notemos que o confessor é muitas vêzes o único apoio dos religiosos no caminho espiritual.

Se notarmos nossa incompetência em certos casos da mística, de

fenômenos extraordinários, também psicológicos, porque não enviar o penitente a um sacerdote especialista em tais assuntos? Como um médico: para ele não há vergonha de dizer: neste caso é melhor consultar um especialista. É fácil dizer: tudo é fantasia, mas isto não resolve o caso e não é um meio pastoral.

## 2 — O Diretor Espiritual

(Heerinckx, 250., Salamanca, Gregoriana, De Guibert, 168, Plus, Zimmermann, 229 Feckes, 168).

O Pe. Lúcio do SSmo. Sacramento comenta, no Congresso de Salamanca, a tese do Pe. Dezza, então Reitor Magnífico da Gregoriana, sobre "a crise da direção espiritual"; indicando a direção-moda, as dificuldades do ambiente moderno para a direção, aponta a escassez de bons diretores e o fato da falta de estima da direção por parte dos próprios sacerdotes como meio de progresso espiritual, ao lado duma certa falta de modernização quanto aos dados e métodos psicológicos (pg. 8-15).

O Capelão, em seu ministério de confessor, facilmente é pedido por uma ou outra alma de dirigí-la no caminho espiritual. O que se liga mais freqüentemente, como já indicamos, com o ofício de confessor extraordinário ou adjunto. Também pode ser pedido de ser confessor ou "moderator spiritualis" especial dum religioso ou duma religiosa (cân. 520, § 2).

a) Convém, como idéia básica, que nos compenetrems da **necessidade** da direção espiritual. A direção espiritual não é só necessária para mulheres, como se ouve muitas vêzes também de sacerdotes. Pio XII na sua exortação ao clero aponta esta necessidade para o próprio clero (Ed. Vozes, pg. 21, n. 54). Assim os citados Congressos de Roma (Gregoriana) de Salamanca sobre a direção espiritual tratam em capítulos especiais da direção de jovens, homens, seminaristas, sacerdotes, noviços, mulheres, religiosas (Salamanca); ou, como o de Roma, do Clero diocesano, dos jovens, dos adultos, das religiosas, dos membros dos institutos seculares. E isso é compreensível já que todos, ainda que em medida diferente, têm de realizar a perfeição espiritual.

Em vista disso, a direção espiritual é considerada meio ordinário e normal de perfeição. Esta é a tese dos autores da Teologia Espiritual. Citamos, para exemplificar, a tese que Pe. Guibert (*Theologia Spiritualis*, n. 205) estabelece: "Directio spiritualis via est ordinaria et normalis qua Deus animas ad perfectionem ducit. Et ideo, ubi haberi potest, non sine temeritate et damno negligitur tale auxilium, maxime quidem a incipientibus, sed etiam a proVectis et doctis; licet eius usus alius omnino esse debet apud hos et apud illos".

(Continuará no próximo número)

## PAPEL DO IRMÃO LEIGO NA IGREJA DE HOJE

*Frei Angelino Caio Feitosa, O. F. M.*

*Há muitos artigos e livros atualmente sobre o lugar dos leigos no apostolado. Em torno do laicato religioso, porém, reina completo silêncio. Qual será a missão do leigo religioso na conquista e expansão do Reino de Deus?*

Eles são chamados "irmãos conversos" nas ordens monacais, "irmãos leigos" nas ordens mendicantes e nas congregações de fundação mais recentes são eles os "irmãos coadjutores". Com esses nomes diferentes, têm contudo igual conceito: religiosos não-sacerdotes membros de um instituto misto de padres e de leigos. As denominações diversas exprimem apenas o tipo de ordem ou congregação a que estão filiados. Preferimos o nome de "irmão leigo" por expressar com mais clareza o caráter específico de leigo e consagrado.

Em todos os tempos e em todos os institutos, os irmãos têm dado dentro da Igreja um testemunho valoroso de humildade. Humildade que tem produzido santos de personalidade marcante. Apesar disso, a condição do irmão é ainda mal compreendida. Para muitos os irmãos leigos não passam de domésticos a serviço dos padres de sua comunidade, o que é um erro grosseiro. O lugar do irmão leigo dentro da missão apostólica da Igreja é simplesmente insubstituível.

A Igreja deve dar ao mundo um duplo testemunho. É o próprio testemunho divino-humano de Cristo que se situou por completo na Cidade de Deus e na Cidade dos Homens, sem nada excluir a não ser o pecado. O testemunho divino a Igreja o pratica de maneira oficial, visível e social no culto e no múnus sacerdotal. O padre trabalha diretamente para a Cidade de Deus. Sua vocação é viver o testemunho divino da Igreja no mundo.

Cristo não é só Deus. É homem também. Sendo a Igreja a atualização em nosso tempo da encarnação de Cristo, ela seria incompleta se não prestasse outro testemunho. O testemunho de Cristo-Homem. É o testemunho da marcha da cidade terrena rumo a seu acabamento em Cristo. Os cristãos no mundo dão esse testemunho peculiar nos seus afazeres e trabalhos, santificando-se por levarem as soluções de Cristo aos problemas que se apresentam. A Ação Católica especializada tem particularmente em vista este fermento.

Êsses dois testemunhos são necessários e se completam. O primeiro sem o segundo conduziria ao angelismo. O segundo sem o primeiro chegaria ao outro extremo; o naturalismo. Um sem o outro daria uma idéia unilateral e mutilada Igreja.

Este duplo testemunho é toda a Igreja que deve dar. Compete aos sacerdotes e aos leigos estruturados em um só corpo trazer êsse testemunho em face do mundo. Ora há na Igreja padres seculares e padres religiosos... É preciso que haja leigos seculares e leigos religiosos por outro lado. Se essa última vocação é admitida para o mundo feminino, freqüentemente é esquecida quando se pensa no mundo dos rapazes. Quando um moço, tocado pela graça, resolve dedicar-se ao serviço de Deus, quase sempre seu pensamento se volta para o sacerdócio. Há porém rapazes que não sonham com o sacerdócio e gostariam de servir a Deus de maneira mais perfeita. Não pensam em tornar-se padre por não ser esta a sua vocação. Era dentro de sua cultura e dos seus hábitos, por seu ofício e sua técnica (já adquirida ou por adquirir) que desejariam servir a Deus. Para êstes existe uma verdadeira vocação de leigo e consagrado. Vocação quase desconhecida entre os rapazes por falta de esclarecimentos e informações em torno de seu conteúdo. Vocação necessária dentro dos quadros de conquista e expansão da Igreja. Pois são os irmãos leigos que trazem o testemunho de consagrados para o trabalho manual, que adquire assim em suas mãos um caráter sacral, apostólico, diretamente voltado para a Cidade de Deus. É o testemunho de Cristo operário, Cristo da vida de oficina.

Dentro dessa posição, o irmão leigo assume seu lugar de leigo, leal ao seu batismo e à sua confirmação, e de religioso côncio de sua doação a Deus pelos votos e responsável pela função que Cristo lhe confia dentro de sua Igreja. Não é padre. Tem a sua própria estrêla: sua vocação específica, que como a rosa do Pequeno Príncipe, é única no mundo. Vocação cheia de valor próprio suficiente para encher-lhe a vida de sentido e gosto. Vocação do trabalho consagrado que louva a Deus e o serve através de seu ofício e ocupações.

Êle é **consagrado**. Seu trabalho que se confundiria com os trabalhos comuns dos homens traz a marca da Cidade de Deus. Renuncia a trabalhar diretamente para a cidade dos homens. Não por desprêzo pois êle a ama ajudando-a em sua jornada para Deus. Com Jesus êle recusa o domínio dêste mundo para ser testemunha do Reino de Deus.

Êle é **apóstolo**. No seio de sua ordem toda a sua atividade se torna missionária, arrolada dentro das forças de conquista do apostolado. Mais que o militante da Ação Católica êle é apóstolo consciente de sua consagração em Cristo. Está a serviço de uma Missão que a Igreja lhe confiou. Não a serviço de uma classe de membros dentro da sua Ordem. Padres e irmãos colaboram cada um em suas atividades peculiares para o mesmo fim. O irmão pertence a um verdadeira família: sua família sa-

cerdotal.

Nela êle recebe bens espirituais que sòzinho não poderia alcançar. Por outro lado, êle contribui com seu testemunho para o enriquecimento espiritual de seus irmãos, padres e leigos, e para o apostolado de seu instituto. Uma comunidade de padres dá ao mundo um testemunho mais eloquente do que um padre isolado. Que dizer de uma comunidade de padres e leigos que se unem num ideal comum?

O meio indiferente ou neo-pagão que tem diante de si uma comunidade assim enche-se freqüentemente de respeito. A Igreja não lhe aparece como uma empresa clerical, fechada, mas um movimento articulado, onde padres e leigos se dão as mãos para o mesmo fim.

Se o sacerdócio participa da ação medianeira de Cristo, deve-se dizer que nessa comunidade apostólica o irmão leigo exerce em plenitude seu sacerdócio batismal. — É êle com efeito o mediador ideal entre o mundo, no qual está naturalmente entrosado por seu ofício e seu trabalho, e a Igreja hierárquica representada em seus co-irmãos padres.

Para os pagãos modernos os padres são uns profissionais à procura de sucesso e estabilidade pessoal. Diante do trabalho desinteressado do irmão, têm de procurar outra explicação. Muitas vêzes por seu testemunho a graça opera nos corações. É a função de João Batista — preparar os caminhos do Senhor — posta novamente em dia.

Nas missões êste aspecto de seu testemunho adquire maior realce ainda. Alí é simplesmente indispensável a presença do irmão. Entre pagãos o trabalho propriamente sacerdotal não é, de início, de grande valor por falta de aceitação e compreensão. É aí onde entra a tarefa de aplainar os caminhos para o Senhor. Onde os irmãos são os pioneiros em atingir os corações através de seu trabalho que assume com ênfase a missão de apostolado e conquista.

Pensando nisso é que pouco antes de seu falecimento, o saudoso Pio XII, apelando para a generosidade da juventude, declarou que na África um padre e seis irmãos faziam mais progresso entre os infiéis do que sete padres sòzinhos.

Se nas missões a contribuição do irmão leigo é de uma necessidade assim gritante e aflitiva, entre nós sua presença é insubstituível para maior irradiação do nosso apostolado, para o bem dos padres seus confrades, e bem do povo no meio do qual, juntos padres e irmãos, devemos ser fermento.

Evidentemente que uma vocação assim tão cheia de sentido missionário tem encantos diante da juventude. Apresentada aos jovens em sua esplêndida realidade, bem poderia ser uma atração para aquêles que querem viver sem partilha a consagração do seu Batismo para o serviço de Deus e a consagração de sua Confirmação para o apostolado. Para aquêles que amam o seu ofício e condição social e querem pelo trabalho manual e técnica louvar a Deus e ser-Lhe testemunha.

## DIRETRIZES E BASES — UMA ANÁLISE OBJETIVA E SERENA

*Prof. Henrique Euclides da Silva*

A finalidade dêste artigo é de levar um esclarecimento sereno, mas objetivo e definido, a propósito de algumas acusações, levantadas contra o Projeto de "Diretrizes e Bases da Educação Nacional", já aprovado pela Câmara Federal dos Deputados, e sobre o qual se aguarda o pronunciamento do Senado.

Muitos têm ouvido ou lido tais acusações, e infelizmente não se encontram em situação de rebatê-las, porque não conhecem o texto do Projeto, cuja difusão foi muito reduzida. Esta situação, porém, não é tão triste como a daqueles que o acusam sem o terem lido... Nossa finalidade é enfrentar essas acusações, muitas das quais são recebidas com apreensão pela opinião pública, principalmente pelo homem simples, pelo homem do povo; e mostrar que êsse Projeto, embora não represente um documento perfeito, pois nêle há falhas, omissões e imperfeições, é, no entanto, um diploma legal que representa uma série de esforços de sistematização das bases do ensino no Brasil, colocando as questões referentes à educação sobre bases ideológicas definidas e genuinamente democráticas. Portanto, não é um Projeto perfeito, mas é um Projeto que nos convém para as circunstâncias; é um diploma, legal onde se regulam com equilíbrio o direito de ensinar e o direito de estudar.

### **Falsidade de uma acusação**

A primeira acusação lançada contra êste Projeto, é gratuita: é a de que êle põe em perigo a existência da Escola Oficial, e no dizer de outros, êle não só põe em perigo, mas também acarretará fatalmente a extinção da Escola Oficial. Como causa ou explicação dêsse fato, articula-se outra acusação: é a de que o Projeto aquinhoa o Ensino Particular com verbas e subvenções subtraídas ao Ensino Oficial. Ora, basta ler o texto do Projeto; basta ler os artigos, para verificar, imediatamente, a falsidade, e, em muitos casos, a maldade intencional com que se levanta essa acusação. Nenhuma Lei pode pôr em perigo a existência da Escola Pública porque sua existência é uma determinação constitucional, e portanto, indiscutível e irrevogável por meio de uma Lei ordinária. O artigo 167 da Constituição Federal assim reza: "O ensino dos diferentes ramos será mi-

nistrado pelos poderes públicos e é livre à iniciativa particular, respeitadas as leis que o regulem". Portanto, a Constituição consigna para o Estado a obrigação de manter o ensino público, e por conseguinte, de criar e de manter as Escolas Públicas, enquanto deixa para a iniciativa privada apenas a **liberdade** de ministrar o ensino. Logo não é possível admitir que uma lei ordinária possa pôr em perigo a existência do Ensino Público, e muito menos determinar a sua extinção... Pode ser, porém, e vamos admiti-lo para argumentar; pode ser que esse perigo para a existência do Ensino Público esteja velado, oculto nos dispositivos do Projeto referentes à administração do ensino. Quem sabe! os dispositivos estão de tal modo feitos que possam permitir em alguma oportunidade que o Ensino Particular sufoque, a bem do seu interesse, do seu egoísmo, o Ensino Oficial...

### A Administração do Ensino

Examinemos a administração do ensino conforme aparece nos artigos do Projeto. Há na administração do ensino um escalão hierárquico, e os artigos sexto e sétimo se referem ao cume desse escalão hierárquico. Diz o artigo sexto: "O Ministério da Educação e Cultura exercerá as atribuições do Poder Público Federal em matéria de educação...". O artigo sétimo, que completa o sexto, afirma: "Ao Ministério da Educação e Cultura incumbe velar per observância das leis do ensino e pelo cumprimento das decisões do Conselho Federal de Educação". O artigo oitavo trata do Conselho Federal de Educação: "O Conselho Federal de Educação será constituído de trinta membros nomeados pelo Presidente da República, com mandato de três anos, podendo ser reconduzidos uma vez. A cada unidade da Federação caberá indicar um representante, sendo os demais membros de livre escolha do Presidente da República...". Este é o Conselho Federal de Educação; mas há, também, os Conselhos Estaduais de Educação. E sua composição é indicada pelo artigo 10: "A lei estadual organizará Conselhos Estaduais de Educação, constituídos de membros de livre nomeação do Poder Público e de representantes escolhidos pelos educadores que integrem o ensino público e privado dos diferentes graus". Aqui está onde entra o Ensino Privado na administração do ensino: nos Conselhos Estaduais de Educação haverá representantes do Ensino Privado dos diferentes graus; mas — vejam bem — os representantes do Ensino Privado serão em número igual ao dos representantes do Ensino Oficial, e trabalharão conjuntamente com um número não fixado de membros de livre nomeação do Poder Público Estadual. Então, lançamos a pergunta: "É fácil, é possível que os representantes do Ensino Privado venham a açambarcar, a empolgar a administração do ensino, e a serviço do seu interesse, do seu egoísmo, possam sufocar o Ensino Oficial? Reconheçamos que é levar muito longe o sentimento natural de apreensão de cada um de nós diante do futuro; cada um de nós sempre tem suas apreensões porque está impossibilitado de definir cla-

ramente o futuro; mas no caso presente e nessas circunstâncias, é levar ao exagêro máximo êsse sentimento... Notemos que além dos representantes em igual número, do Ensino Privado e do Ensino Oficial, há nos Conselhos Estaduais de Educação um número não limitado de representantes a serem indicados, livremente, pelo Poder Público Estadual. Logo, em boa fé, ninguém pode ficar temeroso de uma absorção, de uma sufocação do Ensino Oficial pelo Ensino Particular através da administração do Ensino no Brasil.

### Os recursos financeiros

Então, essa predominância do Ensino Particular sobre o Ensino Oficial só pode ser realizada, conseguida de uma maneira: pelos recursos financeiros... É possível!? Vamos ver se é ou não verdade, lendo o que dispõe o Projeto sobre os recursos financeiros. Inicialmente, o Projeto — no título dos recursos para a educação — copia, repete um artigo da Constituição Federal. Com efeito, o artigo 93 do Projeto nada mais é do que o artigo da Constituição Federal que estabelece a obrigatoriedade ao Poder Público de destinar uma parte das receitas dos impostos para o ensino. Assim reza o artigo 93 do Projeto: “Anualmente, a União aplicará não menos de dez por cento e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, não menos de vinte por cento das respectivas receitas de impostos, na manutenção e desenvolvimento do ensino”. Isto não é novidade do Projeto, é, apenas, cópia, transcrita do que representa a Constituição Federal. Bom, mas o que consta do Projeto e não consta da Constituição é: **como aplicar êsses recursos**. Pois leiamos o artigo seguinte do Projeto, o artigo 94: “Os recursos a que se refere o artigo 169 da Constituição Federal, serão aplicados preferencialmente na manutenção e desenvolvimento do sistema público de ensino, de acôrdo com os planos estabelecidos pelo Conselho Federal e pelos Conselhos Estaduais de Educação...”.

### Perigo para o Ensino Particular

Então, onde está o favoritismo, o proteccionismo que o Projeto — de acôrdo com os termos da acusação — confere, ao Ensino Particular? O que se vê aqui é o contrário; é o perigo de que o Ensino Particular não venha a perceber coisa alguma dos recursos federais destinados à educação, porque aqui se fala que aquêles recursos deverão ser aplicados **preferencialmente** para o Ensino Público. Mas ainda se acrescenta: “de acôrdo com os planos estabelecidos pelo Conselho Federal e pelos Conselhos Estaduais de Educação”; ora, nós estamos na época dos planos a longo prazo, e então não é de admirar que surja um plano decenal para a manutenção e desenvolvimento do Ensino Público, e desta forma, durante o período do plano decenal, todos os recursos financeiros, destinados à educação, serão carregados para a manutenção do Ensino Público, nada cabendo ao Ensino Particular... Logo, de acôrdo com o artigo 94 do

Projeto, se alguém está em perigo de não ter assistência federal é bem o Ensino Particular, e não o Oficial, pois a êle serão aplicados **preferencialmente os recursos financeiros federais**. Porém, mais adiante, há um outro artigo que fala da cooperação financeira da União, em questão de ensino. É o artigo 96 do Projeto. Ei-lo: "A União dispensará sua cooperação financeira do ensino sob forma de: a) subvenção de acôrdo com as leis especiais em vigor; b) assistência técnica, visando ao aperfeiçoamento do magistério, à pesquisa pedagógica e à reunião periódica de congressos e seminários no âmbito do ensino; c) financiamento a estabelecimentos mantidos pelos Estados, Municípios ou particulares para compra, construção ou reforma de prédios escolares e respectivas instalações e equipamentos". No fato de a União poder conceder subvenções não vai nenhum favor; mesmo que isto não constasse no Projeto, os Estabelecimentos Particulares, bem como qualquer clube carnavalesco, qualquer centro de baixo espiritismo, estão na possibilidade de recebê-las, porque é facultado, é livre a qualquer membro do Congresso pleitear uma subvenção para a entidade que quiser ajudar. E dos exemplos que citei, alguns são verdadeiros: há clubes carnavalescos beneficiados com subvenções, há até centros de baixo espiritismo no mesmo caso... Portanto êsse fato assinalado no Projeto não é uma novidade sua; é uma simples atribuição de qualquer membro do Congresso Nacional. No referente ao financiamento, vemos que êle é um recurso aberto como uma possibilidade e não como uma realidade consumada. O Projeto não está dizendo que a União fatalmente financiará a construção ou a reforma de Prédios particulares de ensino; êle está a dizer que a União **poderá** dispensar financiamento aos estabelecimentos particulares de ensino, assim como poderá fazê-lo em relação aos estabelecimentos mantidos pelos municípios e Estados. — Em seguida, o parágrafo dêsse artigo consigna as condições em que pode ser feito êsse financiamento; é, até um erro de técnica essa enumeração de condições para financiamento, as quais devem figurar em regulamentações bancárias, e não num Documento que visa a dar as linhas essenciais da educação nacional... — Agora, perguntamos: onde está o protecionismo, o favoritismo do Ensino Particular?! O que nós vemos aqui é que, de positivo, proteção só existe para o Ensino Público, e há um aceno de proteção para o ensino Particular. Com efeito, havendo possibilidade, o Ensino Particular será assistido; mas o Ensino Público, **êsse sempre deverá ser assistido**. Chegamos ao fim desta acusação, constatando que foram invertidos seus termos essenciais. Os acusadores deveriam dizer — baseados na evidência dos artigos do Projeto — que quem corre perigo é a ESCOLA PARTICULAR.

### O Projeto não é Lacerdista

Numa campanha de oposição sistemática, todos os argumentos servem os líderes do movimento. Assim exploraram as paixões político-partidárias. Afirmam que o Projeto é Lacerdista, lanternista. Nós sabe-

mos que o Deputado Carlos Lacerda gozou, em certa época, de imenso prestígio político; mas hoje — por razões que não nos compete examinar aqui — esse prestígio diminuiu em certos setores da opinião pública. Então, pelo menos aqueles que não apreciam a linha política do senhor Carlos Lacerda se hão de incompatibilizar contra o Projeto ao saberem que ele é lacerdista, lanternista; e mesmo os indiferentes se mostrarão contrários, porque hão de admitir que paixões político-partidárias presidam à elaboração de um Projeto de tamanha relevância. E a mais, todos custam a admitir que uma única inteligência, dedicada a esse trabalho, ça coisa perfeita; existirão por conseguinte várias falhas porque o senhor Carlos Lacerda, como os outros homens, pode ser bom mas não é perfeito. É certo que esse parlamentar apresentou um substitutivo ao Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; mas no Projeto aprovado pela Câmara Federal dos Deputados, dos 120 artigos, apenas 11, portanto menos de 10 por cento, foram inspirados no Substitutivo do senhor Carlos Lacerda. E dêsses onze, a maioria faz parte daqueles artigos contra os quais não se levantam objeções de monta. Por exemplo, do Substitutivo do Deputado Carlos Lacerda foi aproveitado o artigo 52, que trata pura e simplesmente das finalidades do ensino Normal, do qual não há discussão. Um outro artigo, o 97, trata do papel do Conselho Federal de Educação e dos Conselhos Estaduais no referente à melhoria da qualidade do ensino. Assim, outros artigos foram aproveitados, em número de onze. Mas para o caso que nos ocupa, a maioria dêles é de caráter secundário. — Em contraposição, segundo palavras do Deputado Aurélio Viana, do Partido Socialista Brasileiro, e que fêz parte da sub-comissão da Educação e Cultura que deu a redação final ao Documento: “Este projeto, aprovado pela Câmara, contém cerca de setenta por cento das idéias apresentadas pelo senhor Deputado Celso Brandt em Substitutivo de autoria dos Professores “que defendem a escola pública brasileira”, Almeida Júnior, Augusto Bezerra de Medeiros, Fernando de Azevedo, Raul Bittencourt, Carneiro Leão, Farias Góis, Lourenço Filho, Abgard Renault e Anísio Teixeira. Logo, dizer que o Projeto de Diretrizes e bases é lacerdista, lanternista, é faltar com a verdade; e a intenção dêsse adjetivo apôsto ao Projeto é apenas esta: incompatibilizar todos os inimigos do senhor Carlos Lacerda contra o Projeto. Isso é uma tática e a política de que “o fim justifica os meios”.

### **Mineria Estudantil contra o Projeto**

Entre os estudantes tem-se levantado grande celêuma em torno do Projeto. E' preciso dizer que, felizmente, não é a totalidade da classe estudantil brasileira que está lançada num movimento violento de oposição ao Projeto. Fazemos ressalvas... Em Curitiba, apesar das declarações e atitudes hostis e ostensivas do Magnífico Reitor da Universidade Federal, senhor Flávio Suplicy de Lacerda, os estudantes universitários, pelo seu órgão representativo, a União Paranaense de Estudantes (UPE),

redigiram e fizeram publicar um documento que nem parece ter saído de estudantes. E me permitam dizer isso, sem cerimônia, usando de velha experiência e autoridade de professor universitário. O documento está muito acima dos documentos usuais elaborados por estudantes; ele reflete alto equilíbrio e sempre com base na leitura e meditação dos artigos do Projeto. O documento termina apresentando algumas restrições de caráter secundário e que não ferem o aspecto doutrinário, ideológico do Projeto, o qual é — não tenhamos ilusões — a causa essencial do movimento de oposição. O manifesto da UPE diz claramente: "Somos por sua aprovação; é a lei que corresponde aos ideais democráticos e cristãos de nossa gente". Assina-o uma comissão. Os estudantes de Campinas também organizaram um movimento público para o estudo do Projeto, e se definiram favoravelmente. Na própria cidade de São Paulo, onde o movimento estudantil assume feição mais violenta, ele não conta com a unanimidade. Há um movimento Pró-Liberdade de Ensino que conta com numerosas entidades estudantis. E esse movimento Pró-Liberdade de Ensino defende o Projeto. Portanto, quando nos disserem que os estudantes estão contra o Projeto, devemos responder-lhes que não são todos... E nós sabemos que quando uma parte, mesmo pequena, de estudantes se opõe contra uma resolução qualquer do Poder Público, o barulho que faz assemelha-se ao de todos os batalhões do Exército Nacional, quando na verdade se confina a um grupo reduzido. No Rio de Janeiro os estudantes estão, também, em divisão; o grupo contrário ao Projeto indicou quais os artigos impugnados pela classe. — O primeiro artigo impugnado é o terceiro no seu inciso dois. Leiamos todo o artigo terceiro: "O Direito à educação é assegurado: I) pela obrigação do Poder Público e pela liberdade de iniciativa particular de ministrarem o ensino em todos os graus, na forma da lei em vigor; II) pela obrigação do Estado de fornecer recursos indispensáveis para que a família e na falta desta, os demais membros da sociedade se desobriguem dos encargos da educação, quando provada a insuficiência de meios, de modo que sejam asseguradas iguais oportunidades a todos". É contra o inciso dois que se rebelam os estudantes do Rio de Janeiro. Somente quem não sente as responsabilidades da educação poderá admitir a supressão desse inciso dois. Estamos vendo que são os próprios estudantes, e não os colégios particulares, que estão querendo tornar o ensino privilégio dos ricos. Eles, os estudantes, que recolheriam para a sua classe os benefícios do inciso dois, rebelam-se contra ele... Os estudantes estão, também, contra o artigo quinto. Ei-lo: "Fica assegurada aos estabelecimentos de ensino público e particular, legalmente autorizados, adequada representação nos Conselhos Estaduais de Educação e, bem assim, o reconhecimento, para todos os fins, dos estudos nêles realizados". Temos, aí, duas idéias distintas, duas declarações a considerar: a primeira é de que fica assegurada aos estabelecimentos de ensino público e particular adequada representação, nos Conselhos Estaduais de Educação; a segunda, é de que se reconhecem válidos, para todos os fins, os estudos nêles realizados. — Não aceitar o

artigo quinto é não aceitar representação do Ensino Privado nos Conselhos Estaduais de Educação. E não aceitar isso é fechar os olhos a uma realidade. Será, então, que o Ensino Privado, coexistindo com o Ensino Público, e com ele trabalhando na formação da juventude, não deverá ser ouvido, quando se trata de resolver as questões referentes a ensino? Será que o Ensino Privado, que constitui esmagadora maioria, não tem experiências pedagógicas, educacionais? — Seria mais coerente pedir, pura e simplesmente, o monopólio estatal... Quanto à segunda parte, do artigo quinto, sobre o reconhecimento, para todos os fins, dos estudos realizados nos colégios, melhor, nos estabelecimentos tanto particulares como oficiais, ela entra na mesma idéia da argumentação que vimos desenvolvendo. Por que dar liberdade de existência aos estabelecimentos particulares de ensino, se depois vamos negar a validade dos estudos nêles realizados? Vêem que é uma incoerência.

### **Conselhos Estaduais de Educação**

Querem os estudantes, também, a supressão do artigo 10, pura e simplesmente. O artigo 10 trata da organização dos Conselhos Estaduais de Educação. Um repórter me perguntou, não sei se em Pôrto Alegre ou em Curitiba, por que os estudantes não queriam o artigo 10. "Olhe, meu amigo, respondi, eu só vislumbro uma razão para tanto: é porque nos Conselhos Estaduais de Educação entram representantes do Ensino Particular; então, para extinguir a voz do Ensino Particular, quer-se a supressão dos Conselhos Estaduais de Educação". — Quer dizer, voltamos à argumentação que desenvolvi no início: o temor de que o Ensino Oficial fique sufocado pelo Particular. Mas ler o artigo 10: "A lei estadual organizará Conselhos Estaduais de Educação, constituídos de **membros de livre nomeação do Poder Público** e de representantes escolhidos pelos educadores que integrem o ensino público e privado dos diferentes graus". O Governador do Estado poderá nomear 20, 30 representantes, os quais trabalharão juntos com os representantes — em número igual — do Ensino Público e do Particular. Será possível que os Particulares ditem as decisões dêsse órgão?!

### **Descentralização do Ensino**

Para a defesa da existência dos Conselhos Estaduais de Educação temos uma razão importante: é a descentralização do ensino, a qual é uma decorrência de nossa extensão territorial. Assim, não se precisará ir sempre ao Rio de Janeiro para resolver as questões de ensino. Para defender a descentralização do ensino, vamos usar da malícia inteligente usada pelos membros da União Paranaense de Estudantes: vamos empregar as mesmas palavras do senhor Anísio Teixeira, o corifeu do monopólio estatal do ensino no Brasil. Anísio Teixeira escreveu em seu livro "A educação não é privilégio": "Nenhum motivo já existe para as cautelas cen-

tralistas e centralizantes, que se poderiam justificar em outras épocas, embora nem sempre com os mais puros propósitos. A descentralização, assim, — contingência de nossa extensão territorial e do nosso regime federativo e democrático — é hoje uma solução, além de racional e inteligente, absolutamente segura". Os estudantes do Rio de Janeiro se rebelam ainda contra o artigo 58 do projeto. — E esta é uma questão que tem interesse reduzido para os Estados, mas que tem interesse preponderante para o Rio de Janeiro. O art. 58 é o seguinte: "Os que se graduarem nos cursos referidos nos artigos 53 e 55 (Escolas Normais, Institutos de Educação), em estabelecimentos oficiais ou particulares reconhecidos, terão igual direito a ingresso no magistério primário oficial ou particular, cabendo aos Estados e ao Distrito Federal regulamentar o disposto neste artigo". Não é novidade. Em todos os Estados do Brasil, o diplomado ou diplomada por uma Escola Normal tem direito de acesso ao magistério primário — público ou particular — menos no Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro o acesso às escolas primárias só é permitido a quem se formou nos Institutos de Educação ou Escolas Normais mantidas pela Municipalidade. — Então, as graciosas meninas das Escolas Normais do Rio de Janeiro passaram a usar uma fita preta, contra a presença deste dispositivo que é o artigo 58. E os estudantes, pela União Nacional dos Estudantes e pela União Metropolitana de Estudantes, aderiram ao movimento das Normalistas. Deve haver aí outras razões sentimentais; mas eu não tenho nada a ver com o assunto. O que é certo que essa prerrogativa de que gozam as normalistas formadas nos Institutos de Educação e nas Escolas mantidas pela Municipalidade, é um privilégio anti-democrático, anti-social, odioso, porque nem sequer é privilégio de uma classe, mas de um grupo dentro de uma classe; é monopólio estatal. E isto quando se notam tantas deficiências de professoras públicas, e de escolas, no Rio de Janeiro... Este privilégio data de 60 anos, e teve sua explicação; mas hoje não se pode mais admitir. Naquela época, nem sequer existiam Escolas Normais particulares, portanto esse privilégio era por assim dizer um meio para atrair, para a nobre missão de educar as crianças, um maior número possível de elemento humano. A manutenção desse privilégio, nesta hora, é sumamente odioso porque significa dar segurança a oito por cento de professoras, deixando em estado de insegurança as 92 por cento restantes. Eu só compreendo a solidariedade dos estudantes cariocas por motivos sentimentais...

Finalmente os estudantes declararam sua oposição ao artigo 96 letra a. Determina-se aí que a União dispensará a sua cooperação financeira do ensino sob a forma de subvenção, de acordo com as leis especiais em vigor. Os estudantes não querem que a União dê subvenções; ora, isso é desconhecer as tramitações para obtenção de subvenções. Já dissemos que qualquer membro do Congresso pode pleitear subvenções para entidades que ele queira ajudar. Não é preciso que o Projeto o diga...

Esses são os principais pontos não aceitos pelos nossos adversários.

## Por que Defendemos o Projeto?

Mas, se o Projeto contém tantas falhas, por que é, então, que os Estabelecimentos Particulares, e de modo especial os Estabelecimentos dirigidos por Religiosos, estão na vanguarda da defesa do Projeto? — É que mesmo assim, com essas falhas, ele está fundamentado em princípios filosóficos que nos são caros e que se equivalem com os próprios princípios democráticos. Ele reafirmava a Declaração Universal dos Direitos do Homem, ele reafirma, disciplina e regula um direito constitucional: o direito à liberdade do ensino Particular. E o faz em termos aceitáveis. Entre o monopólio estatal e a liberdade desenfreada, ele preferiu um meio-térmo, uma fórmula áurea de coexistência do Ensino Público e do Ensino Privado.

O projeto não ficou só na mecânica do ensino, nas adaptações às diferentes regiões do Brasil; não, ele o fundamentou em princípios filosóficos bons, democráticos. E julgamos que é, justamente, por isso que ele está despertando tanta oposição, principalmente da parte daqueles que querem a luta de classes, que querem resolver os problemas do Brasil com a foice e o martelo. — Nós queremos, com os olhos fitos no Cristo, nós queremos resolver os problemas do Brasil com giz e quadro-negro.

Principalmente, os Religiosos — e a maioria dos Estabelecimentos Particulares é dirigida por Religiosos — sentem na própria carne uma injustiça do Projeto, um verdadeiro desafôro. É com referência ao ensino religioso. Leiamos, primeiro, o que preceitua a Constituição Federal, e depois façamos um paralelo com o disposto no Projeto. A Constituição Federal, no seu artigo 168, inciso 5.º assim determina: “O ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais; é de matrícula facultativa e será ministrado de acôrdo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se fôr capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável”. Agora o Projeto, em seu artigo 98: “O ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado **sem ônus para os poderes públicos**, de acôrdo com a confissão religiosa do aluno...”. Notamos a existência de palavras que não constam do texto constitucional. Assim, os Professôres de quaisquer disciplinas, **exceto Religião**, serão pagos pelos poderes públicos. Isto é um desafôro.

Assim mesmo, apesar das omissões, das imperfeições, e até das injustiças em relação ao ensino Particular, nós somos pela sua aprovação. Isto porque ele se fundamenta em princípios filosóficos certos, democráticos.

## A FALTA DE SIMPATIA DOS CRISTÃOS PIEDOSOS

*Por Arthur Rabuske S. J.*

O periódico mensal de Augsburgo "Man in der Zeit" — duma tiragem superior a meio milhão — lançou em seu cantinho usual de discussão do número de Outubro de 1957 a seguinte pergunta: "Por que os cristãos piedosos são muitas vezes antipáticos?". Em seguida a observação: "Caso você o souber, faça o favor de no-lo escrever!". E depois: "Na publicação de sua breve missiva para uma destas perguntas-discussão (a outra havia sido sobre a demasiada brandura nos castigos aos criminosos), se o desejar, não citaremos o seu nome. Gratos pela indicação da sua idade e profissão".

Pelo interesse que obteve, bem como pela importância e atualidade do assunto em si mesmo, achamos oportuno oferecer aos leitores da Revista da C.R.B. os tópicos mais característicos das numerosas contribuições e também, condensadas, as conclusões gerais que a redação de "Mann in der Zeit" julgou dever redigir no último número da discussão em Janeiro de 1958. Do número 11, ou seja de Novembro de 1957, extraímos as seguintes respostas:

*J.H., de 78 anos, burgomestre:*

"Os cristãos piedosos são muitas vezes tão pouco simpáticos, porque vivem à vista dos outros uma autêntica vida cristã, a qual para não poucos se transforma em constante acusação do seu "modus vivendi". Infelizmente também há muitos hipócritas, êstos desacreditam os verdadeiros piedosos por sua hipocrisia".

*H. M., Baden:*

"A minha resposta a esta pergunta: Quando de manhã vou ao trabalho, é na certa que encontro em diversas esquinas de rua alguns grupos de mulheres. É a hora do após "missa do cêdo". E lá estão essas "beatas" e não têm outras coisas a fazer senão dar à língua. Se meu caminho meia hora depois me levar outra vez pela cidadezinha, vejo essas bisbilhoiteiras ainda plantadas nos mesmos lugares. Calor e frio, ventania e chuva, nenhum dos elementos da natureza consegue alguma coisa com elas.

Por tôda parte em nossa cidade sabe-se que quem de manhã está parado nas esquinas são aquelas freqüentadoras de igreja, que cada dia ajoelham à mesa da Comunhão. Santa paciência! Isso são duas coisas irreconciliáveis... O povo zomba delas e diz com tôda a justiça: "Lá de novo estão elas; primeiro correm à igreja e depois tesouram a fama dos outros". Este modo de proceder contribui muito para que não poucos cristãos piedosos sejam antipáticos".

*H. A., Duisburg, de 26 anos, pedreiro:*

"Realmente os homens piedosos hoje em dia possuem pouca força de atração. A meu ver isto se baseia em diversas razões:

Primeiramente, a piedade de tais homens nem sempre provém do coração e é sob muitas facetas inautêntica. Motivos vários moveram-nos a ser piedosos: desengano, medo, complexos, etc. Alguns são por demais "autojustificados" e pairam em regiões superiores. A muitos falta o bom humor natural e uma afirmação alegre da vida; são rejeitados pelo ambiente que os cerca.

Além disso, o ser piedoso põe como condição uma passividade mais ou menos pronunciada. No nosso tempo agitado ninguém pode permitir-se uma atitude passiva e simplesmente deixar correr as coisas. O cristão deve colaborar ativamente na configuração do mundo. Do homem requer-se hoje atividade. Esta, porém, deixa a desejar no homem piedoso. O piedoso prefere fechar-se muitas vezes ao mundo ambiente. Embora bem intencionado, êle nada contra a corrente do tempo, e o ambiente reage de conformidade".

*B. W., Passau, 19 anos, uma estenotipista:*

"Para falar com sinceridade, esta pergunta causou-me alguma estranheza. Estou convencida de que um cristão piedoso de verdade não é antipático. Pode ser que apenas valha com tal junto dos "outros". Nos nossos dias o homem que é sério em suas relações com Deus e os seus preceitos, e se esforça sinceramente por levar uma vida no caminho reto, êsse é carimbado pela maior parte dos nossos confrades como um inacessível e como um homem sempre triste. Acredito que por isso não é de espantar seja tal homem visto como antipático...".

*G. W., Basel, 47 anos, negociante:*

"Porque sua piedade muitas vezes tem origem no egoísmo. Querem ser piedosos, porque isto lhes dá prazer, porque lhes importa chegar ao céu, satisfazer às exigências do pároco e ser melhor que os "outros". A vida pessoal, porém, não corresponde à sua piedade. Muitas vezes são avaros, faltos de amabilidade, autojustificados, orgulhosos. Carecem do requisito primordial do cristianismo: a caridade. Se a sua piedade brotasse do verdadeiro amor de Deus, então os seus próximos o perceberiam também no seu modo de agir. Trata-se duma piedade falsa, egoísta, a que praticam. Por isso impressionam os outros homens de modo antipático...".

*D. G., 18 anos de idade, empregada:*

"Pròpriamente os cristãos piedosos não são antipáticos, mas incô-

modos, porque nos dão o exemplo de como deveríamos ser, se quiséssemos ser cristãos autênticos. Eles nos fazem lembrar as nossas faltas, que hoje cometemos com frequência em nossa vida de fé, porque "ser piedoso" hoje como que equivale a ser desacreditado".

*Dr. A. K., 27 anos, médico:*

"Por certo não é a tarefa da vida de cristãos piedosos o aparecerem simpáticos. Se, porém, cristãos abertamente piedosos impressionam de modo antipático à vista dos menos piedosos e dos "afastados" — por própria culpa — então causam prejuízo. Porque o cristianismo é julgado pela maioria segundo a vida dos cristãos e não segundo a sua doutrina. Por isso a pergunta impele a um exame de consciência. Também no nosso tempo, das grandes palavras e das ações avultadas, das proclamações e das demonstrações, vale: As palavras instruem, mas os exemplos arrastam (verba docent, exempla trahunt) para cima e para baixo.

Muitos cristãos piedosos vêem como sua tarefa de vida possivelmente não cometer pecado. Nunca deixam de estar de atalaia. Sendo que estão acostumados a julgar-se a si mesmos com uma norma severa, é com facilidade que fazem o mesmo em relação aos outros. O caminho até o farisaísmo é curto. Visto que sempre têm diante dos olhos o negativo, chegam em seu mêdo a um estado de convulsão interna, que é tudo menos que atraente.

A piedade de muitos cristãos piedosos parece ter o seu humus principal no temor pela salvação da própria alma. A caridade fraterna periga assim receber um quinhão por demais fraco".

*J. W., 60 anos, diretora de filial:*

"À sua pergunta: "Por que os cristãos piedosos são muitas vezes antipáticos?", só pode responder-se que há falta de bondade, e esta é uma irmã da caridade. Uma piedade de "parágrafo", egoísta, sem amor, é antipática. Em S. Agostinho li o seguinte: "Os filhos de Deus e os filhos do demônio — que todos se persignem com o sinal da cruz, que todos respondam amém e todos cantem aleluia, que todos sejam batizados, vão à igreja, e mesmo que sejam os muros da basílica — os filhos de Deus e os filhos do demônio se discernem pela caridade".

*A. P., 40 anos, dona de casa.*

"É preciso perguntarmos primeiro: São êsses homens tão antipáticos por serem cristãos piedosos ou embora o sejam? Faz a piedade (exclua-se aqui o farisaísmo!) os homens disformes e baixa ela o nível humano? Eu acho que isso deve negar-se. A piedade autêntica, aliada à grandeza humana, não é antipática. Pelo contrário, a religião vivida completa e enobrece o homem.

Dá-se com frequência o segundo. Muitos homens são antipáticos, embora sejam cristãos piedosos. A Igreja não é uma comunidade de elite, mas de massa, também da massa limitada, também da massa insípida.

Todos são convidados e ninguém é rejeitado. A Igreja também não é um educandário. Sua missão é a santificação dos homens...

Se se comparam, em condições humanas e sociais iguais, os cristãos piedosos não se acham inferiorizados a outros grupos humanos. Pode ser que os corporal e espiritualmente menos bem dotados sejam a maioria. Pois não chamou Cristo de "felizes" aos pobres de espírito e não considerou Ele o perigo em que se encontram os orgulhosos e os ricos?...

Estes pensamentos não devem impedir-nos de odiar o combater as faltas típicas dos "piedosos" — o faisaísmo, a falta de distinção, a afetação — em nós e nos outros. A comunidade cristã, que está em estado de provação ou mesmo se acha exposta a ódios, purifica-se por si mesma de suas escórias".

*H. L., Aachen:*

"Os cristãos piedosos já avançaram um bom trecho no caminho da imitação de Cristo e levam a sério o mandamento da caridade fraterna. Eles se esforçam sinceramente por ver em cada próximo um irmão ou uma irmã, por assistir-lhes servilmente na medida do possível, e por evitar tudo que possa causar qualquer desagrado. Na presença de tal gente está-se bem, e por isso eles sempre são bem vistos.

Os cristãos "piedosos" (entre aspas) têm-se na conta de piedosos, sem que o sejam deveras. Seu cristianismo é meramente externo. Com a frequência assídua — mesmo diária — da santa missa e a recepção freqüente dos sacramentos acreditam já ter feito mais que o dever. Em relação do próximo são muita vez exasperados, invejosos, ciumentos, contam com satisfação as suas faltas e fraquezas e as engrandecem. A palavra da Escritura: "Se te aproximares do altar e te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti"... desapareceu de sua memória, ou ao menos não encontrou um lugar no seu coração. Se ouvem uma prática sobre a caridade para com o próximo, alegram-se por ter sido cantada de novo a verdade aos "outros"... Eles mesmos pairam muito acima dessas coisas. Daí o não causar estranheza, que se encontram antipáticos, para não empregarmos uma expressão mais forte".

*H. J., Rhöndorf/Rhein, 63 anos, empregado público:*

Cristãos piedosos, realmente piedosos, mostram a face severa da verdade. Infelizmente coloca-se hoje a verdade na sombra e dá-se livre curso ao embuste e à mentira, por soarem melhor aos ouvidos. E a esses embusteiros parece então antipático o cristão piedoso. Com a palavra antipático já começa a perseguição ao homem cristão. A coisa mais importante é e fica sempre que a gente seja simpática a Deus".

*L. E., Würzburg, 22 anos, estudante:*

"É preciso distinguir radicalmente entre piedoso no sentido próprio da palavra e piedoso no sentido corrente. Eu nunca encontrei um homem realmente piedoso que me tivesse sido antipático, mas ele me foi, se muito, incômodo no meu comodismo... Pois certamente não reside a

piedade e a santidade no extraordinário, mas no quotidiano, na fiel observância do dever, na fidelidade das coisas pequenas. E isto perfaz o piedoso, a saber que *êje* faça o ordinário de modo extraordinário, que *êle* coloque o seu trabalho de todo o dia totalmente sob a vontade de Deus e o reafirme cada dia diante de Deus. Desta atitude nasce o contentamento e a alegria. Acaso nos são antipáticos os homens alegres?

Doutro lado encontra-se sem dúvida o “piedoso”, que talvez reze muito, vá à igreja e também faça sacrifícios, mas que parece achar ter feito o bastante, e cuja vida com isso não está em consonância. *Êle* esquece que após a oração apenas começa a consequência da oração: a piedade. *Êsse* “piedoso” age de modo inautêntico, e com isso de modo antipático”.

*E. H. Freiburg, 40 anos, uma assistente social:*

“Esta pergunta faz por certo todo homem, que sèriamente aspira à perfeição. *Êle* procura por exemplos e vê-se rejeitado.

1. O Cristão piedoso muitas vèzes é um egoista, que nunca considerou bastante o mandamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

2. O cristão piedoso cumpre com zêlo e conscienciosidade os seus deveres religiosos; todo o resto, porém, não lhe parece essencial para o bem da alma. *Êle* negligencia os seus trajes e cuidado do próprio corpo, ofende as regras de civilização e mostra falta no tato e na formação do coração.

3. O cristão piedoso anda muito oprimido e tímido, triste e neurótico pela vida. Não age com leveza e liberdade interior. Não se acredita na sua boa nova de alegria, porque *êle* impressiona mal como irremediado de sua estreiteza e mediocridade.

4. O cristão piedoso é importuno em sua atitude e em suas exteriorizações, e em absoluto convincente. Não sabe que o cristianismo autêntico faz luzir o home mde dentro para fora, espalha calor e age com atração sem artificialismo grosseiro”.

\* \* \*

Até aqui as contribuições publicadas no número 11 ou seja Novembro de 1957 em “Mann in der Zeit”. Elas são, como vemos, várias e ricas e equivalem bem a um reflexo bastante claro da cultura e instrução religiosa da Alemanha. No fim delas promete-se a continuação de outras contribuições para o número 12, de Dezembro. *Êste* põe, já na primeira página, diversas contribuições sob o título geral: “Exigência a todos os cristãos: Mais amor”. Em seguida comunica que a discussão levada a têrmo encontrou um éco enorme e que da maior parte das respostas se ergue por cima de todos os problemas avulsos a exigência quotidiana do cristão: Mais amor ao próximo. Desta vèz a redação já classifica certas contribuições sob títulos gerais como “piedade de exercício”, “falta de

virtude natural", "falsa tomada de posição em relação ao mundo", etc. Nós, sem seguirmos a êste método aqui, continuaremos a apresentar apenas um que outro exemplo mais típico, novo quanto ao assunto ou autor.

*Um estudante de 23 anos de idade:*

"Deve distinguir-se piedade de exercício e piedade de convicção. Ambas reunidas é que somam a virtude da piedade... Quem apenas possui a piedade de exercício, êsse possui uma piedade vazia. Falta-lhe o mais importante: o amor e a veracidade. E os piedosos, que apenas parecem piedosos sem jsê-lo deveras, são anti-páticos a todos os homens. À falta de amor e de veracidade opõe-se toda a natureza humana. Quem vê a seu vizinho em necessidade e não lhe presta auxílio, embora o possa, a êsse, por mais vêzes que vá à igreja, nada lhe valerá (Vide I Cor 13). Quem se julga superior ao próximo em grandeza moral, êsse é inonesto com os outros, consigo mesmo e desta forma com Deus. Observem embora êsses fariseus todos os preceitos, vale para êles a palavra de Cristo: "Por fora apareceis justos diante dos homens, por dentro estais cheios de dissimulação e maldade" (Mt 23,28).

*Um sacerdote (aliás um dos poucos sacerdotes que contribuíram):*

"Acabara eu precisamente de ler a questão formulada em "Mann in der Zeit", quando recebi a visita duma das que se dizem "formadas", e que correm dum retiro a outro, duma conferência a outra, dum mosteiro a outro, duma Comunhão a outra. Mais duma vez quis interromper a conversa, mas em vão. Com prazer interno, apesar de expressões fortes, que deviam externar o contrário, contava-me a dama das desavenças matrimoniais de um casal católico, das quais havia muito eu sabia, sem contudo poder dizê-lo a ela. E sabia contar sempre novos detalhes. Quando enfim contudo se foi, encontrei-me física e psiquicamente exgotado ante esta relação circunstanciada sem caridade, e pensei — por certo com razão — que tais cristãos não despertam nenhuma simpatia pela fé. Schiller diz num dístico: "Se o vício se vomita, põe-se a virtude à mesa".

*Um empregado público de 46 anos de idade:*

"Lá se vai uma mãe quase todos os dias à missa, quando o bebê está deitado em casa à espera de cuidados. Lá está o velho mestre, que cada manhã, após o culto divino blasfema com os seus aprendizes, xinga e é insuportável. Lá está o homem de bem, que sustenta o andor no dia de Corpo de Deus e não deixa passar uma senhora sem fazer as suas observações ambíguas. Lá está a guia disciplinada de jovens, da qual a mãe velhinha deve esmolar cada semana o suplemento para os gastos caseiros. Isso apenas são alguns tipos de "piedosos" inautênticos, que são antipáticos a fiéis e a infiéis. Cristãos autênticos e piedosos nunca são antipáticos...".

*Um estudante de teologia:*

"Em muitos cristãos piedosos pode observar-se certa falta de naturalidade. Eles acham que o mundo é ruim, fundamentalmente ruim, e não sabem quão pouco cristã é esta atitude... Se nós realizamos a formação vital em Cristo, a imitação de Cristo da maneira devida, então não mais influenciaremos os nossos circunstantes antipáticamente, se muito incômodamente. Incômodamente, porque nós lhes recomendamos por nossa vida as suas obrigações".

*L. R., Neustadt, 70 anos:*

"Muitas vezes faltam-lhes as virtudes naturais e atitudes, como veracidade, limpeza, gentileza, amabilidade, fidelidade, segurança".

*S. H., 21 anos, empregado na inspetoria do correio:*

"Muitas vezes mostra-se em homens piedosos uma falsa posição em relação ao mundo. Do centro duma falsa piedade rejeitam a priori o mundo. Não tomam parte em acontecimentos do mundo que os cerca, não freqüentam a sociedade e sempre vêem apenas o mal no mundo, nunca porém o bem e o belo".

*W. E. J., München, assistente de paróquia:*

"Há gente cristã, que procede e muitas vezes como se fôssemos homens, que não se acham mais na terra, mas entre o céu e a terra. Também os cristãos deviam ficar com ambos os pés na terra que Deus criou. Cristãos piedosos por isso muita vez são antipáticos, porque têm a capacidade de chegar a uma compreensão dêste mundo, respectivamente da finalidade dêste mundo".

*G. R., Dieburg, 43 anos, operário:*

"De um cristão piedoso reclama o público crítico mais ânimo. Ânimo, não para freqüentar a igreja, mas em toda a situação: na família paroquial, na profissão, na família própria, como cidadão na ordem estatal que Deus quiser...".

*J. M., Saarbrücken, 33 anos, empregado:*

"De cada homem sinceramente cristão e de cada mulher sinceramente cristã deve poder esperar-se uma palavra de réplica, quando a fé de público é atacada ou os bons costumes são escarnecidos. Isso é uma parte essencial da piedade autêntica. Os cristãos, que faltam neste ponto, com razão se têm em conta de gente de complexos pelos circunstantes".

*W. S., diretor de editora:*

"Cristãos piedosos muitas vezes são antipáticos, porque não são cristãos piedosos".

*J. Z., Bürgsladt:*

"A massa perdoa muitas vezes, mas não perdoa nunca o fato de alguém dela sobressair. Tal coisa é antipática. Seja ele deveras piedoso ou não, isso não decide em última análise. Ai do homem que é diferente dos outros!".

*A. L., Aschaffenburg, 27 anos, empregado:*

“A humanidade dos nossos dias é por demais superficial e falta de reflexão. Um cristão piedoso em geral é refletido e convicto. Não pode acompanhar uma sociedade corrupta. Ou se opõe a esta ou experimenta levar para o bem. Daí o impressionar como antissocial e antipático”.

\* \* \*

Passemos para a palavra final da redação de “Mann in der Zeit”!

No primeiro número de 1958 observa antes de apresentar as suas conclusões finais:

— A discussão sobre os cristãos antipáticos foi muito animada. Cai em vista que poucos sacerdotes dela participaram. Talvez se deva atribuí-lo ao fato de que ninguém deles queria atrair sobre si a acusação de abuso do segredo profissional. A discussão foi efetuada com alegre sinceridade, e também da parte de alguns dos contribuintes com terrível falta de humor. As beatas sentiram-se brutalmente agredidas, a palavra final evidentemente não pode trazer todos os pontos de vista, que foram oferecidos na discussão em abundância, e julgá-los, mas extrair apenas os mais importantes:

1. Os participantes da discussão coincidem no parecer de que o homem não se torna antipático por ser de verdade piedoso, mas sim porque sua piedade é inautêntica e desviada. De certo pode um cristão piedoso impressionar de modo incômodo junto de gente má, que não quer que alguém seja bom, e faz-lhe sentir que não é assim que o deseja.

2. Motivo verdadeiro para fazer antipático e por isso ser rejeitado são os cristãos “farisaicos”. Em geral chamam-se “hipócritas”. Fazem-se piedosos por causa de alguma vantagem temporal. Quando nas casas paroquiais oferecem algum artigo, tomam tal atitude como se no céu já tivessem adquirido um direito todo especial de cidadania. Na realidade têm uma dupla moral. Vivem na contínua preocupação de serem desmascarados, e assim caírem na desgraça de alguém. Por isso repetem constantemente os esforços para evidenciar a sua piedade. E desta forma sua veracidade se define cada vez mais. Problema sério se esta hipocrisia e inonestidade também passa às crianças nos educandários. Assim elas procedem de modo antinatural e afetado. Por isso a Igreja admoestou de modo especial neste sentido a institutos e a educandários que não tomem em consideração quaisquer sinais de piedade na avaliação de notas em atestados, repreensões e prêmios. Nenhuma criança deve ter a impressão de que a Comunhão freqüente tenha qualquer influência sobre uma nota melhor.

Pode ser que mesmo os clérigos tenham por vezes a inclinação de considerarem mais as almas devotas e dedicadas que as virilmente corretas. Nos arredores da igreja e da casa canônica nasce assim uma ima-

gem torta do verdadeiro cristão. Parece que consideram essa espécie de gente como elemento sobremaneira valioso e educam assim a outros para procederem da mesma forma. Resultado: Não o caminho reto, mas o tortuoso.

3. Parente próximo dêste inconveniente é o cumprimento meramente exterior, apenas "legal" de exercícios de piedade, sem atender-se à disposição interior. Assim sobrevém à gente com facilidade a idéia: Se tiver cumprido com o exterior, então já sou bom e piedoso. Tal educação pode até fomentar um que outro artigo da boa imprensa. Pensamos a propósito em perguntas-testes, por meio das quais a gente há-de saber se é ou não um cristão piedoso. Nesses "testes" encontram-se perguntas como estas: — O senhor tira o chapéu ao passar diante da igreja? — O senhor assina uma fôlha católica?... Se alguém puder responder que sim a estas e a quejandas perguntas é segundo tais testes um bom cristão. Pode, porém, uma pessoa tirar chapéus e assinar fôlhas a granel e apesar disso ser um canalha, (com o perdão da palavra). Assim na própria educação eclesiástica se favorece a exteriorização religiosa.

4. Mas existem também verdadeiras deformações na vida da alma, à semelhança do que observamos na natureza em árvores de crescimento torto. Pode ser que os homens por vêzes nem sejam tão culpados em seu desenvolvimento falho. Não foram feitos de modo a agüentarem os golpes do destino ou da educação errada. A êstes pertencem em primeiro lugar os "egoístas". Sua piedade não gira em tórno de Deus e do seu Reino, mas em tórno do seu próprio pequenino eu. O ser piedoso é-lhes uma satisfação espiritual. Talvez seja para êles mais difícil o ser mau que fazer o bem. Sua unilateralidade aparece cada vêz à tona que se lhes exibem "sacrifícios", dos quais não esperam vantagem para si mesmos.

Está baseado em sua "autojustificação" o serem em geral em seu juízo faltos de tato e altercadores, o impressionarem facilmente de modo "deformado" e o deixarem a desejar bondade humana. Porque êles se julgam norma para os outros, os outros evitam tratar com êles. Infelizmente se perdem muitos em pequenos e unilaterais pontos de vista, que então ressaltam como se dêles dependesse a salvação da humanidade. Assim vêem, por exemplo, tudo do ponto de vista duma — muitas vêzes suposta — sexualidade ou defendem a abstinência com uma intolerância, que não atrai, mas afasta.

Os "incapazes para a vida" pertencem também ao número dos deformados. Acreditam êles dever salvar-se à vista do mundo. Em parte alguma mostram ânimo, refugiam-se muito numa rodinha de gente que pensa da mesma forma ou acreditam dever compensar tanto mais a sua covardia com "piedade". Note-se bem: Nós somos muito favoráveis à piedade, mas não à piedade por fuga. Se por cúmulo lhes falta uma alegria natural e se mostram presumidos e farisaicos, pioram por si mesmos a sua situação relativamente aos outros. Se alguém por acréscimo

ainda é relaxado nos cuidados do corpo e da roupa, então os outros fazem uma volta bem grande por êle.

Há também "gente espiritual e religiosamente doentia", e precisamente essa procura refúgio na igreja. Porque em parte alguma alguém os quer. Sua doença não muda essencialmente pela eficiência dos sacramentos. Podem bem estar em estado de graça e não obstante ser doentes. Também mais de um intrigante é simplesmente doente. Histéricos são doentes. Se a Igreja os suporta, não pode por isso acusar e dizer-se: Todos são assim. Eles vão muitas vezes à frente na igreja, para compensar os seus complexos, e roubam muito tempo ao sacerdote. Aos separados dão com frequência a impressão de serem preferidos na Igreja.

5. Pelo que concerne ao número de tal gente "antipática", deve dizer-se que bastam uns poucos para projetar uma luz má sobre uma paróquia ou sobre toda uma associação. Refletindo que do cristão se requer mais que dos outros, então entendemos a inclinação de se exagerar o número, generalizando esta situação precária.

A Igreja suporta a todos, e assim também devemos suportá-los, e não devemos nós mesmos virar em fariseus na pessoa deles. Li recentemente uma "oração pelos que não posso aturar". Parece que devemos rezá-la com frequência.

### ANUÁRIO DOS RELIGIOSOS DO BRASIL — 1958

- Em dois volumes, com 1.200 páginas.
- Excelente apresentação tipográfica. Impresso no Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- É uma recensão completa de todas as obras — paróquias, educação, assistência à saúde e assistência social — que os religiosos e as religiões desenvolvem em todo o Brasil.
- Relação nominal dos Sacerdotes Religiosos e dos Irmãos de Congregações não clericais com indicação de data de nascimento e profissão, nacionalidade e província a que pertence.
- Relação das cidades do Brasil, com indicação da população, Estado e Diocese em que se encontraram, a presença ou não de congregação religiosa, em especificação detalhada da obra existente.
- Como encartes, no Segundo Volume, se encontram os Sumários Gerais, e o Mapa Eclesiástico do Brasil.

#### O ANUÁRIO DE 1958 É UMA VERDADEIRA OBRA PRIMA

- É a forma definitiva, que deverá ser reeditada, periodicamente, apenas com atualização dos dados numéricos.
- À venda na CRR-Rio: Cr\$ 920,00.
- As despesas de reembolso, de remessa ou de encomenda aérea são cobradas a parte.

# CASOS PRÁTICOS SÔBRE O DIREITO DAS RELIGIOSAS

*Pe. Frei Rafael de União dos Palmares OFMCap.*

## CASO IX — DA EXPLORAÇÃO DA VONTADE DAS NOVIÇAS E DAS RELIGIOSAS

### 1 — Princípios jurídicos

Cânon 552. — § 1. A Superiora das religiosas, mesmo isentas, deve certificar o Ordinário local (o Bispo), ao menos dois meses antes, acerca da próxima admissão ao noviciado e à profissão, tanto temporária como perpétua, quer solene quer simples.

§ 2. O Ordinário local, ou, na sua ausência ou impedimento, o sacerdote por êle deputado, ao menos trinta dias antes do noviciado e da profissão acima referida, sem todavia, entrar na clausura, **explore** diligente e gratuitamente a vontade da aspirante, investigando se: a) está coagida ou seduzida; b) sabe o que faz, e não havendo dúvida sôbre a vontade livre e piedosa, a aspirante poderá ser admitida ao noviciado, ou a noviça à profissão.

A **exploração** neste caso é um **exame canônico** que se faz antes da tomada de hábito e da profissão para garantir a liberdade e conhecer a vontade piedosa de tôda a mulher que pretende abraçar o estado religioso.

A exploração da vontade faz-se **três** vêzes, isto é, primeiro antes do Noviciado, segundo antes da primeira profissão temporária, terceiro antes da profissão perpétua.

Em todos êstes três casos deve o Ordinário do lugar, ou o seu delegado, dirigir à postulante, noviça ou professa as seguintes perguntas:

1. **Se foi coagida**, isto é, se foi obrigada por força, ameaças ou medo, ou se foi moralmente constrangida para que entrasse na religião.

2. **Se foi seduzida**, isto é, se a enganaram com promessas ou agrados, etc., a fim de que entrasse na religião.

3. **Se sabe o que faz**, isto é, se conhece a natureza e as obrigações da religião na qual quer professar e, portanto, se procede de livre vontade ao abraçar a vida religiosa, se está disposta a observar as suas leis e santos costumes.

A omissão do exame canônico **não afeta** à validade do ato da vestição e da profissão; portanto, mesmo que fôsse omitido, nem por isso seriam nulos, mas somente ilícitos esses atos; ficaria, porém, a obrigação de fazer o exame canônico depois de começado o noviciado ou depois de feita a profissão.

Feito o exame canônico na devida forma, constando da vontade piedosa e livre da postulante ou noviça, poderá ser admitida ao noviciado ou à profissão, sendo conveniente que se comunique ao Ordinário, quando o exame foi feito pelo seu delegado.

Não confundir este direito e dever do Bispo com o **direito de admitir** ao noviciado e à profissão, tanto temporal como perpétua, que compete às Superiores maiores com o voto do seu Conselho ou Capítulo, segundo as Constituições próprias de cada religião.

Para maior ilustração e compreensão destes princípios jurídicos, seja o

## 2 — Caso

Clara, depois de ter feito o noviciado e emitido os votos temporários na Congregação **A**, por motivos justos e com as devidas licenças, passa para a Congregação **B**, onde, segundo as prescrições do Direito (Cân. 633, § 1: "O religioso ou religiosa que passe para outra religião deve fazer o noviciado" e cân. 574, segundo o qual "o noviço, depois de terminado o noviciado, deve fazer antes dos votos perpétuos solenes ou simples, os temporários"), faz novamente o noviciado e é admitida à profissão simples e depois à perpétua.

Obteve Clara novamente a devida licença de passar para a Congregação **C**, onde, segundo a norma do já citado cân. 633, teve que fazer outra vez o noviciado, sendo em seguida admitida à profissão perpétua.

| <b>A</b>           | <b>B</b>         | <b>C</b>         |
|--------------------|------------------|------------------|
| EV — Noviciado     | — Noviciado      | — Noviciado      |
| EV — Prof. tempor. | — Prof. temp.    | — Prof. perpétua |
|                    | EV — Prof. perp. |                  |

Pergunta-se:

1. Antes de Clara ingressar no Noviciado e de ser admitida à profissão simples e depois à perpétua na congregação **B** é necessária novamente a exploração da vontade, quando na Congregação **A** já foi legitimamente executada

2. E na Congregação **C** é necessária ainda alguma exploração da vontade?

## 3 — Respostas

*À primeira pergunta:*

Admitindo-se que Clara, na Congregação **A** tenha já sido submetida à exploração da vontade antes de entrar em o noviciado e antes da pro-

fissão simples, podemos muito bem afirmar, que na Congregação B, deve submeter-se a esta exploração *somente* antes da profissão de votos perpétuos, pois, esta exploração, como exige o Direito, ainda não foi feita. Isto, porque:

1. em nenhum lugar do Direito se prescreve a repetição da exploração da vontade.
2. porque já foram suficientemente satisfeitas as preocupações da Igreja em salvaguardar a liberdade e a deliberação de Clara.

**Concluindo:** não havendo nenhuma prescrição positiva para a reiteração da exploração da vontade e não havendo mais a razão, o motivo de repeti-la, uma vez que já foram devidamente executadas, Clara não está obrigada às duas explorações da vontade na Congregação B, isto é, antes do noviciado e antes da profissão simples. Deverá, porém, submeter-se a esta exploração antes da profissão de votos perpétuos.

*À segunda pergunta:*

Pelas mesmas razões — embora Clara, pela prescrição do cân. 633 deva fazer o noviciado na Congregação C — não está, porém, obrigada a submeter-se a nenhuma exploração, tendo sido já feitas na Congregação B, segundo as normas do cân. 552.

Portanto, pode fazer o noviciado e sua profissão perpétua na Congregação C, sem que seja novamente necessária a exploração da vontade.

## COOPERAÇÃO DA RELIGIOSA NO APOSTOLADO PAROQUIAL

### Consulta:

*Nossa cidade é pequena e de vida religiosa intensa. Nosso Pároco, muito zeloso, tem tido que resolver alguns casos de senhoras às quais fôra aconselhado o uso do método Ogino-Knaus. Como fica desagradável para o Sacerdote dar as explicações da fisiologia do método, pediu-nos uma Irmã para êsse serviço.*

*Temendo que a repercussão do fato seja grande na cidade e possa escandalizar alguém, perguntamos:*

1) *Devemos ajudar o Pároco, visto não haver na cidade leigo que pudesse desempenhar êsse serviço?*

2) *Qual o parecer da Igreja em relação à religiosa que colabora com o Pároco nesse setor?*

3) *Sobre o ponto de vista do direito civil, há algum inconveniente? O médico do paciente poderia por êsse motivo processar a religiosa, alegando ter a mesma tirado uma cliente sua? Têm os médicos direito exclusivo na explicação do método?*

### Resposta:

Sucintamente podemos responder às perguntas formuladas:

1) Sim, as Irmãs podem e devem ajudar o Pároco em tal matéria, contando que o façam com competência, modéstia e discrição. Não se deve fazer alarde de que as Irmãs estão se incumbindo disso. Na realidade elas o *devem fazer em caráter particular*, orientando uma por uma das pessoas interessadas, como uma amiga mais velha e mais esclarecida orienta e ensina alguma coisa a outra.

2) Não consta que a Igreja se tenha pronunciado sobre o assunto de caráter particular, como dissemos, e esporádico. Sim, pois se a religiosa tem meios, livros etc. para esclarecer os outros, poderá se servir de uma dessas pessoas já esclarecidas e bem formadas, alguma mãe de família, boa católica e bem orientada quando à matéria em questão, que, aos poucos, substitua a religiosa nesse mister de esclarecer as outras senhoras casadas sobre coisas que dizem respeito à vida de casados. A religiosa pode e deve agir enquanto não se encontra outro meio mais natural.

3) Não se trata no caso de exercício de medicina, não há diagnóstico a fazer nem remédio a indicar, logo não se trata de atividade peculiar ao médico. Em geral, se aconselha a pessoa a procurar se informar com um médico católico e de boa formação, porque se trata de assunto íntimo ao qual um médico tem entrada com mais naturalidade e a pessoa não correrá o perigo de receber uma informação errada.

## DEPARTAMENTO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

## UMA OBRA SOCIAL NA FRANÇA: O NINHO

*"Au Service des victimes de la Prostitution: "Le Nid" por Marie Besson In: "Religieuses d'Action Hospitaliere et Sociale". Revue mensuelle d'information, S. N. O. C. S. S. Paris. Nos. 131, 132, Novembro e Dezembro 1959*

O *Ninho*, organização fundada pelo Padre Talvaz, vigário de Paramé, na Bretanha, destina-se à recuperação das vítimas da prostituição, do alcoolismo e do sub-proletariado em geral, baseando-se na fidelidade absoluta às pessoas, dentro de uma busca constante de compreensão e de amor.

Prostituindo seu corpo, feito para dar a vida, a mulher passa a viver num mundo de onde a verdadeira vida se retirou. A prostituição é exatamente isso: o "não ser".

A experiência de 15 anos de trabalho nos Centros do *Ninho* mostrou que a única causa da prostituição é a falta de afeição. Uma prostituta é uma pessoa humana que sofreu por ter sido mal amada. De setembro de 1957 a abril de 1958, das 47 moradoras, apenas 14 tiveram um pai ou uma mãe em parte da infância ou adolescência, mas essas famílias, na sua maioria, foram marcadas pelo alcoolismo.

A crianças necessita tanto de amor quanto de nutrição, e se nunca o recebeu, não poderá, por sua vez, dá-lo. Todo ser humano está no mundo à imagem de Deus seu Creador, para se entregar a êsse duplo movimento, e, as vítimas da prostituição, mulheres como as outras, também são feitas para receber e para dar amor. O único método para torná-las capazes de amar é de oferecer-lhes primeiro, o apoio de um amor. O Padre Talvaz freqüentemente pergunta: "De onde vieram elas". "Para onde vão?" E, sobre esta dupla pergunta se estrutura o *Ninho*, que se pode dividir em Pré-*Ninho*, um setor de reeducação e readaptação à vida que são os dois centros de Clichy e Epinay, e, um último, o Post-*Ninho*, que acompanha as antigas na sua vida posterior.

Duas Educadoras fazem a ligação em todos os lugares onde se encontram as vítimas da prostituição, nos bares, no "trottoir", nas prisões, nos hospitais, etc. Um dia elas abrião o coração, e, mais tarde, após vários encontros, talvez se decidam a procurar seus amigos no *Ninho*.

A recém-chegada vive alguns dias num pequeno apartamento independente, na casa de Clichy com um membro da equipe do "Pré- *Ninho*" que se dedica inteiramente a ela. Ela tem muita coisa para dizer, nunca disse porque não teve alguém que a escutasse.

O "Centro Médico Profissional de Clichy" tem êsse nome para permitir que se fale dêle ao seu pais, amigos, empregadores, sem que descubram imediatamente, que se trata de antigas prostitutas. É um elemento psicologicamente muito importante. A maior parte delas acha que o antigo "ofício" lhes está estampado no rosto, o que torna difícil livrarem-se da falsa culpabilidade de um passado que já está morto.

As jovens, são, então, colocadas em "famílias" bem distintas e autôno-

mas, cada família, constante de 7 jovens e 2 responsáveis, vive numa espécie de apartamento independente compreendendo cozinha, sala de estar e quartos individuais. Esta vida ritmada vai permitir não só a estabilização de sua personalidade, mas, também, a aprendizagem, num clima natural, das tarefas femininas e caseiras das quais tanto se afastaram.

Duas educadoras preparam cursos adaptados aos níveis e lacunas intelectuais de cada uma. Geralmente, depois de uma certa indiferença acabam com um extraordinário desejo de saber, de, como todo o mundo, poder escrever uma carta ou verificar um trôco. Seguem-se, então, os cursos de cultura geral, por grupo, onde elas mesmas escolhem as matérias, variando entre Anatomia, Sociologia, Formação do Mundo, Sindicatos, Missão da Mulher, Geografia, etc.

Na sala de festas há freqüentes noitadas culturais, com palestras sobre viagens ou assuntos do momento, não faltando os cine-clubes.

Em família, pois, os lazeres são parte da vida familiar, elas vão ao cinema, ao teatro, ao museu, a um passeio ao ar livre no domingo. Esses programas são preparados pelas jovens, sob a orientação da educadora.

Mas, é preciso prepará-las para uma vida de trabalho. O Atelier, funcionando das 10 às 12 e das 14 às 18 horas, procurava dar-lhes não uma profissão, mas habilitá-las a um ritmo de trabalho, dar-lhes maior dextreza manual, e levá-las à compreensão de que não se pode viver sem trabalhar. O pagamento que recebem pelos trabalhos efetuados lhes permite assegurar as diversões, roupas e despesas pessoais. É uma rude escola para elas que não têm senso algum de dinheiro. Cada quinzena realizam-se reuniões para discussão dos trabalhos, sua organização, rendimento, etc. Além disso, facilita-se a pré-formação profissional, individualmente, nos seguintes ramos: esteno-datilografia, Contabilidade, Mecanografia Contábil, Laboratório, etc.

Cerca de 2 em cada 3 jovens são mães, e isto causou a organização de uma "Pupileira" para bebês de 0 a 1 ano, com a capacidade de 10 crianças. Cada mãe se encarrega de seu filho de manhã e à tarde, com a ajuda da puericultora, e, aos sábados e domingos leva-o para sua família, ficando inteiramente responsável por ele.

A prostituição comumente leva a um estado de ruína física e nervosa. O Serviço Médico e Social, dirigido por um médico, encaminha as doentes para um hospital próximo. Um Psiquiatra, em colaboração estreita com o médico e a educadora, ocupa-se dos casos mais patológicos. Uma Assistente Social ajuda-as a resolverem seus problemas sociais, muitas vezes verdadeiros dramas de perdas de direitos, maridos presos, divórcios em andamento, crianças retiradas, etc. E existem, ainda, as antigas condenações, os julgamentos, os papéis nunca feitos ou perdidos. Não é possível amá-las sem responder a essas necessidades.

Cada família está ligada a famílias da Ação Católica, onde fazem visitas e estágios. Descobrem, então, o verdadeiro amor de um homem por uma mulher, o sentido do casamento, a educação dos filhos, o orçamento doméstico, e, coisa até então desconhecida, a fidelidade de um homem à sua esposa.

A caridade que se manifesta no apoio mútuo e doação de si aos outros, é a melhor escola na vida em comum para fazer renascer o caráter batismal nessas mulheres, que em cerca de 99% dos casos, são batizadas. A obrigação a uma prática

religiosa falsearia tudo. O desejo de volta a Deus é muitas vezes provocado pelo próprio exemplo de vida das educadoras. O fato de um Padre haver fundado o Ninho, e continuá-lo, apresenta-lhes uma face da Igreja que lhes era desconhecida. É esse um papel delicado da educadora que aos poucos deve ajudar esse despertar religioso a se concretizar. Para resolver o problema religioso elas podem, então, voluntariamente, frequentar os cursos dados por um Capelão do Ninho, ou receber preparação individual para um Sacramento por uma educadora catequista, ou participar de círculos de estudos (nos moldes da Ação Católica) quizenais, enfim, ter contacto com o Padre — a Igreja viva.

O tempo gasto na pré-formação e no atelier, variável para cada uma, é o estritamente necessário para uma estabilização e restabelecimento de saúde. Assim que for possível ela começará a trabalhar fora, voltando à noite para sua família, pagando a sua pensão. Nesta fase precisará de ajuda maior para vencer as dificuldades do trabalho, com o meio, com as relações, e no plano financeiro. Na última etapa, na própria casa, terá um quarto onde ela mesma cozinhará, e, se tiver um filho o levará com ela ao sair do trabalho.

Sua estada em Clichy poderá ser de alguns meses, ou mais de um ano. É necessário que ela tenha uma certa estabilidade no trabalho e liberação mais completa possível dos seus problemas profundos.

A casa de Epinay, ainda em fase experimental, abriga jovens, que mais adultas e independentes, vindas diretamente do "trottoir", têm menor necessidade de ajustamento. Trabalham fora desde o início, cozinham para si, e dirigem seu orçamento. As Educadoras, levando lá a mesma vida que elas, estão sempre prontas a atendê-las e apoiá-las no terreno psicológico e social.

A base desse trabalho educacional é o voluntariado. Elas vieram livremente, e, da mesma maneira livremente podem sair, seguir cursos, aceitar as obrigações familiares. Além da livre vontade, para entrar no Centro devem ter praticado a prostituição venal em Paris ou outra grande cidade, em uma casa ou no "trottoir", e, serem maiores.

Uma Assistente Social e duas educadoras as acompanham após a saída, ajudando-as na integração total ao meio e à sociedade. As antigas podem sempre pedir conselhos e ajuda para seus problemas, de habilitação, de trabalho, de organização de vida.

O Ninho realiza intercâmbio com outras organizações nacionais ou internacionais para o combate às causas do problema. Mais de 30 países do mundo têm visitado a instituição para se informar. A equipe do Ninho publica trimestralmente um jornal, "Moissons Nouvelles", e brochuras anuais sobre o problema. Já foram publicados "Des filles vous parlant", "Les filles, ces mal aimées", "Les filles sans familles", "Les filles, victimes des hommes", estando no prelo "2 filles sur 3 sont mamans".

Em várias cidades da França têm-se organizado grupos de amigos do Ninho, que ajudam no seu setor ou campo de ação a trazer de volta à sociedade as vítimas da prostituição, e, sobretudo, as pré-prostituídas, numerosas em todas as cidades, tentando abrir outros Ninhos nos grandes centros e portos do mundo, onde a prostituição se instala mais largamente.

A estrutura do Ninho é, pois, toda baseada no amor ao próximo e o traba-

lho exige tempo integral. Os seus membros se introduzem em ambientes particularmente descrestianizados (hospitais, prisões, Assistência Pública, etc.) e possuem profissões apropriadas (assistentes sociais, educadores, médicos, enfermeiras, educadoras familiares, etc.). Dêste modo, a equipe do Ninho se põe a serviço da instituição familiar, para repara-la, consolidá-la e defendê-la.

## CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS

### Fortaleza — Curso de Orientadores de Catequese

Por iniciativa da Diretoria da Secção Estadual da CRB e com pleno apoio do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo, Dom Antônio de Almeida Lustosa, o Centro Catequético Nacional realizou em Fortaleza, de 9 a 25 de fevereiro p.p., o primeiro período do Curso de Orientadores de Catequese, com a colaboração de elementos da Arquidiocese.

De caráter regional, o Curso contou com alunos de vários Estados do nordeste, tendo se inscrito oficialmente 82 candidatos, assim discriminados;

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| Sacerdotes .....                          | 9  |
| Maristas .....                            | 1  |
| Filhas do Coração Imaculado de Maria .... | 11 |
| Filhas de Santa Tereza .....              | 4  |
| Filhas de Caridade .....                  | 5  |
| Missionárias Capuchinhas .....            | 13 |
| Missionárias de Jesus Crucificado .....   | 15 |
| Filhas de Santana .....                   | 3  |
| Filhas de Maria Auxiliadora .....         | 2  |
| Catequistas leigas .....                  | 19 |

Total..... 82

Nêsse total encontravam-se representantes das seguintes Arquidioceses, Dioceses e Prelazias: Fortaleza, Sobral, Crato, Limoeiro, São Luís, Caxias, Belém, Natal, Mossoró, Maceió, Patos, Parnaíba, Santarém e São José de Grajaú.

Havia também uns 30 sessionistas ouvintes.

Para o primeiro período foi escolhida a "Catequese do adolescente". No segundo período (1961) será dada a catequese das crianças e no terceiro (1962) a catequese dos adultos.

Sendo o Curso organizado pelo Secretariado Nacional de Ensino Religioso, o programa adotado recebeu aprovação da Comissão Episcopal de Ensino Religioso e é idêntico ao das sessões realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, pois é desejo do Centro Catequético Nacional que haja unidade na formação das Catequistas do Brasil.

As matérias constantes dêste primeiro período foram: Doutrina, Sagrada Escritura, Psicologia, Pedagogia e Catequética. Os Professores foram escolhidos pelo Exmo. Sr. Arcebispo que confiou a parte da Sagrada Escritura a um só Sacerdote, o Revmo. Pe. Luz (Lazarista), enquanto as outras matérias ficaram a cargo de vários Sacerdotes, Maristas e leigos competentes.

A abertura do Curso revestiu-se de solenidade, com a presença do Exmo. Sr. Arcebispo que presidiu a Celebração Litúrgica intitulada: "*A Palavra de Deus viva na Igreja*".

A Missa comunitária diária tinha por finalidade dar aos cursistas oportunidade de aprenderem a dirigir a Missa para as crianças e adultos. Os cânticos (Salmos de Gelineau e cânticos cujas letras são plenas de espiritualidade) ficaram a cargo do Revmo. Pe. Marques SJ, especialmente designado pelo Exmo. Sr. Arcebispo para dirigir esta atividade do Curso.

O Centro Nacional Catequético enviou a Revda. Madre Pereira, Religiosa do cenáculo, que, além de ser a coordenadora do Curso, deu a parte de Catequética e auxiliou ainda nas demais matérias.

As "vigílias" recreativas e catequéticas mostravam a maneira de trabalhar recreativamente com os adolescentes. Foram realizadas algumas Celebrações Litúrgicas e apresentados diversos movimentos da Ação Católica, do Bandeirantismo, da Legião de Maria, das Benjamins de Maria.

Houve também Conferência sobre a importância e necessidade do cinema na educação, com a exibição de um filme, seguida de "cineforum".

Cumprе salientar que o Revmo. Pe. Camurça, DD. Vigário Geral da Arquidiocese, acompanhou com real interesse todos os trabalhos, dando uma eficiente colaboração no desenvolvimento da sessão.

No dia 25, à tarde, deu-se o encerramento do Curso, com uma reunião solene que obedeceu à seguinte pauta:

- 1 — "A educação da personalidade cristã", Conferência do Dr. Parsifal Barroso, DD. Governador do Estado;
- 2 — Palavras do Exmo. Sr. Arcebispo, Dom Antônio de Almeida Lustosa;
- 3 — Leitura das conclusões do Curso e do resultado do Inquérito feito entre os cursistas, sobre o aproveitamento desse primeiro período.

Em seguida todos se dirigiram à Capela para a Santa Missa de ação de graças.

Damos a seguir as conclusões do Curso:

#### I — Doutrina

- 1 — Levamos conosco o desejo de maior conhecimento da Bíblia para aí encontrar o Deus de Amor, que se revela através de todo o texto sagrado, especialmente o Novo Testamento;
- 2 — Entendemos melhor que o cristianismo é antes de tudo um mistério de Cristo e da Igreja:
  - prefigurado no Antigo Testamento
  - realizado no Novo Testamento
  - continuado na Igreja
  - culminando na Páscoa
  - consumado na Parusia
- 3 — Entendemos melhor:
  - a) que o centro de nossa fé é a Páscoa — mistério da Morte e Ressurreição de Cristo; devemos ensinar a religião baseada em Jesus

*Crucificado e ressuscitado* — centro do dogma — sem Ressurreição nossa fé seria vã;

b) o centro do culto — a Eucaristia, mistério da morte e Ressurreição de Jesus Cristo;

c) o centro da Moral — mortos ao pecado, ressurgidos pela graça, devemos viver como ressuscitados.

## II — Catequese

### A. Geral

1 — O Catequista é um enviado da Igreja; deve êle antes de tudo ser fiel à Igreja e à sua mensagem;

2 — A Catequese é a escola da fé. Ela existe para fazer homens de fé viva — cristãos autênticos — que vivem a sua fé;

O fim da catequese é — despertar a fé,

— fazer viver a fé, que nos apresenta o ideal cristão,

— acender a Esperança, que nos faz desejar firmemente o ideal,

— sempre sob o impulso da Caridade que executa.

3 — Nossa Catequese deve ser:

teocêntrica — Deus no princípio, no meio e no fim;

cristocêntrica — centralizada em torno de Cristo;

eclesial — dirigida pela e para a Igreja;

atualizada — adaptando não a mensagem, mas a apresentação da mensagem às diversas mentalidades e idades de hoje;

4 — Em nosso ensino deve haver dois pontos dominantes:

— a transmissão da mensagem contida no texto,

— a aplicação desta mensagem à vida;

devemos provocar em nossos alunos reações pessoais para chegar a convicções pessoais; devemos dar algo para decorar.

5 — As fórmulas doutrinárias são “um ponto de apoio” no caminho ao encontro com Deus e servem também para precisar o mistério cristão em palavras corretas e aprovadas pela Igreja.

Fazer das fórmulas “ponto de chegada” e não ponto de partida, isto é, a elas chegar como consequência lógica do que foi transmitido. Assim, como “ponto de chegada”, as fórmulas doutrinárias são verdadeiras colunas, onde se resume e se apoia o mistério que se deve transmitir. Levar em conta a idade do alunos.

6 — a) uma aula de catecismo deve transmitir uma só idéia essencial e subordinar-lhe as secundárias;

b) utilizar as “vias de transmissão” da mensagem: Bíblia, Liturgia, Magistério da Igreja, testemunho da vida apostólica.

7 — A motivação deverá ser tomada de preferência na experiência vital dos alunos, embora possamos utilizar gravuras, história e outros meios.

- 8 — O desenvolvimento da aula deve ser ordenado, claro, breve, e conduzir à oração como a seu ponto culminante.
- 9 — A oração é a melhor atividade. Deve ter lugar de destaque. "A aula de catecismo vale na medida em que levar os alunos à oração".
- 10 — Utilizar vários processos, perguntas, cantos, gestos, afim de chamar tôdas as faculdades do aluno à compreensão do assunto, à interiorização da mensagem.

#### *B. Adolescentes*

- 1 — Ensinar catecismo é dar a doutrina e levar o aluno a uma conversão de vida;
- 2 — O papel da psicologia é ajudar o catequista a atingir esta finalidade, mostrando-lhe como as características de tal ou tal idade podem ser um impedimento ou uma ajuda;
- 3 — Na catequese do adolescente, a primeira coisa a fazer é compreendê-lo;
- 4 — Tôda arte da educação do adolescente reside nisto: reconhecer o adolescente como adolescente — ele está saindo da fase de criança e vai entrar na maturidade;
- 5 — O educador de adolescentes deve ter o cuidado de continuar "jovem", capaz de compreender gente moça;
- 6 — A melhor maneira de ajudar o adolescente é levá-lo a encontrar-se com Nosso Senhor Jesus Cristo. O Cristo tem tudo para empolgar o adolescente:
  - a) o adolescente tem sede de compreensão:
    - e explorar a capacidade infinita da compreensão e misericórdia que o Cristo revela no Evangelho;
    - explicar — Cristo e a Madalena,
    - Cristo e a Samaritana,
    - Cristo e a mulher adúltera,
    - Cristo e Judas,
    - Cristo e Pedro,
    - Cristo e o jovem rico,
    - Cristo e Zaqueu, etc.
  - b) apresentar a religião com sua característica de alegria:
    - Cristo indo à festa (Caná),
    - Cristo mudando a água em vinho,
    - Cristo advertindo lavar o rosto em dia de jejum, etc.
  - c) em face dos grandes e pequeninos:
    - Cristo veio para todos (em todo "grande" deve haver o "pequeno"),
    - Cristo dizia a verdade aos ricos e poderosos.
  - d) Cristo e a morte:
    - Os adolescentes não compreendem. Prefeririam que Cristo tivesse reagido.
    - A grande força não é gritar, dar pancadas, querer mandar nos outros,

- A grande força é *silenciar*. Os adolescentes são capazes de compreender isto;
- 7 — Ninguém improvisa. Ler — meditar o Evangelho;
- 8 — Ninguém ensina com palavras. A coisa mais fácil do mundo é dizer palavras bonitas! Mas... ensinar com a vida, é duro;
- 9 — O terrível na catequese de adolescentes — *fazer caricatura de Cristo*. Eles notam se “eu” não tenho caridade, se sou injusto, se falo de pobreza com uma atitude exterior de “luxo” sob pobreza...
- 10 — O maior benefício a prestar ao adolescente:  
— mostrar-lhe o herói — Cristo;  
— dar-lhe o testemunho de vida cristã.

*Sugestão:*

Os cursistas sugerem ao C. N. C. o lançamento de um *curso por correspondência* para o *meio rural*, compreendendo dois graus:

1. destinado a formar catequistas das cidades do interior;
2. destinado a formar catequistas da “roça”, por conseguinte bem mais elementar.

Este curso por correspondência para o meio rural poderia ser, talvez, a primeira semente de um futuro “Manual” para o meio rural.

## COMUNICAÇÕES

*Instituto de Ciências Sociais especializada para sacerdotes.*

Roma. — A Universidade Gregoriana acaba de publicar o novo programa do seu Instituto de Ciências Sociais. Fundado em 1951, atualmente conta esse Instituto cerca de cem estudantes-sacerdotes provenientes do mundo inteiro. Com a aprovação da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades, visa o Instituto proporcionar aos sacerdotes um programa de estudos sociais particularmente adaptado às necessidades do clero. O Instituto de Ciências Sociais faz parte integrante da Pontifícia Universidade Gregoriana, cuja direção está confiada à Companhia de Jesus. Após dez anos de experiência, o Instituto de Ciências Sociais passou por uma reestruturação, cooptando novos professores e organizando um programa que possibilita aos estudantes optar entre duas seções especializadas: uma da Sociologia, e outra de Ciências Econômicas. Consta o corpo docente de vinte professores, todos especializados em diversas ciências sociais e já possuindo experiência de ensino universitário em vários países. O novo programa constitui um esforço original de adaptação às necessidades particulares de sacerdotes destinados ao magistério de disciplinas sociais, à ação social ou às atividades de pesquisas no campo social. Insiste o novo programa antes de tudo sobre a Doutrina Social da Igreja, a apresentação metódica a qual capacita os estudantes para proceder, ao depois, à judiciosa aplicação dos princípios sociais cristãos às realidades concretas dos seus respectivos países e regiões. Dentre as restantes matérias do programa, atenção espe-

cial é consagrada à Sociologia Religiosa, cujo ensino obedece tanto aos moldes científicos quanto à perspectiva pastoral. São previstos igualmente cursos especializados sobre marxismo e sobre a problemática dos países subdesenvolvidos, afim de preparar os sacerdotes para poderem afrontar os difíceis problemas suscitados pelo comunismo internacional e pelo surto de desenvolvimento das regiões de recente industrialização. O Instituto confere três diplomas: bacharelado, licenciado e doutorado em ciências sociais. Excelentes teses têm sido redigidas por seus estudantes. Na Coleção de Estudos Sociais, dirigida pelo Instituto, figuram diversas obras contempladas pela crítica internacional: trabalhos de doutrina social, de sociologia religiosa, estudos sobre a família, levantamentos sociográficos de paróquias ou dioceses, uma monografia sobre o Mercado Comum, etc. O Instituto de Ciências Sociais tem recebido caloroso apóio da parte do Episcopado de diversas nações. Pode-se, pois, contar com que o Instituto de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Gregoriana preste relevantes serviços às Faculdades, aos Seminários, aos Centros sociais, que, cada vez, mais numerosos, reclamam sacerdotes dotados de competente formação em ciências sociais.

### *Programa de Curso para formação de Catequistas*

Atendendo aos pedidos que continuamente são dirigidos a esta Conferência, sobre o programa para um Curso de Formação de Catequistas, publicamos agora o programa do curso que está sendo realizado no Convento de N. Sra. do Cenáculo, à rua Pereira da Silva, 135 — Rio de Janeiro, onde se encontra uma Exposição Permanente Catequética. O programa consta de duas partes: a primeira, Doutrinal-Litúrgica; a segunda, Catequética, subdividindo-se esta em Catequese Bíblica, Catequese e Cristo, e Aulas práticas.

O programa poderá ser de auxílio para cursos que se organizam em escolas normais ou entre catequistas de nível médio:

| <i>Curso Doutrinal e Litúrgico</i> |                                           | <i>Catequese</i>                     |
|------------------------------------|-------------------------------------------|--------------------------------------|
| 1.º semestre                       |                                           |                                      |
| Março                              | 12 — O Mistério da SS. Trindade **        | Visão geral do mistério da salvação. |
|                                    | 19 — Igreja e Liturgia *                  | Como lêr o Evangelho x               |
|                                    | 26 — O Mistério da SS. Trindade **        | Aula Prática: A SS. Trindade x       |
| Abril                              | 2 — Batismo e Páscoa *                    | A Páscoa do Senhor x                 |
|                                    | 9 — O Governo Divino: a Providência **    | A Bíblia nos revela Deus             |
|                                    | 16 — Não há aula — Sábado Santo           |                                      |
|                                    | 23 — A Missa *                            | A criação é obra de Deus             |
|                                    | 30 — Porque existe o mal **               | Aula Prática: A criação              |
| Maio                               | 7 — A Missa *                             | O apêlo de Deus e a resposta do      |
|                                    | 14 — Pecado original e pecado do atual ** | homem                                |
|                                    |                                           | Aula Prática: O pecado original      |

- 21 — A Missa \*
- 28 — O homem Deus \*\*
- Jun. 4 — A Confirmação e o Espírito Santo \*
- 11 — O mistério da Redenção \*\*
- 18 — O mistério da Redenção \*\*
- 25 — Deus em nós — A Graça \*\*

Jesus nos sinópticos x  
*Celebração*: NOSSA SENHORA

Os Patriarcas

O reino dos céus x

Moisés, libertador do povo de Deus

A Aliança: Vós sereis meu povo...

## 2.º semestre

- Agôs. 6 — A Graça atual e Graça santificante \*\*
- 13 — O Sacramento da Penitência \*
- 20 — O Espírito Santo e a Igreja \*\*
- 27 — O Sacramento da Penitência \*
- Set. 3 — Sacramentos Sociais: A Ordem \*
- 10 — O Espírito Santo e o Cristão \*\*
- 17 — Sacramentos Sociais: Matrimônio \*
- 24 — O Corpo Místico \*\*
- Out. 1 — O Sacramento da Extrema Unção \*
- 8 — O homem diante da morte: juízo particular e juízo universal \*\*
- 15 — Os Sacramentais \*
- 22 — O inferno e O amor de Deus \*\*
- 29 — O mistério do ano litúrgico \*
- Nov. 5 — O Purgatório, mistério terrível \*\*
- 12 — Porque o limbo? \*
- 19 — O céu \*\*
- 26 — A Parusia \*

*Aula Prática*: Vós sereis meu povo e eu serei vosso Deus

As exigências do Reino x

Os primeiros Reis

*Aula Prática*: Deus quer um povo fiel à sua Aliança

Jesus no Evangelho de São João x

O exílio

*Aula Prática*: Deus envia Amós e Oséas

Jesus diante de seu povo x

Os pobres de Jahaveh

*Aula Prática*: A mensagem de Ezequiel

O mistério do Cristo: Jesus e o Pai x

Isaias: Deus anuncia o Salvador

*Aula Prática*: Maria, Mãe do Salvador

O senso Crítico do homem x

O senso Crítico do homem x Cont.

Cristo o pobre de Deus

*Celebração*: O DESIGNIO DO AMOR DE DEUS

NOTA: \*\* Doutrina \* Liturgia x Cristo e Catequese.

## NOVAS FUNDAÇÕES

*Iturama*, Minas Gerais — Paróquia de 20.000 almas, no Triângulo Mineiro, na divisa com os Estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso. O Vigário, Pe. José Maria Valim, pede uma Congregação de Irmãs para dirigir, a começar de 1961, uma Escola Normal Rural, em fase de organização.

*Santa Cruz das Palmeiras*, São Paulo — Pedem uma Congregação para o "Asilo de Mendicidade Dom Bosco" para velhice desamparada, com 34 asilados. A entidade mantenedora conta com bastante número de sócios, auxílios do Estado, e um patrimônio de Cr\$ 400.000,00, além da renda de três casas e terrenos em São Paulo.

*Santa Cruz das Palmeiras*, São Paulo — Pedem também uma Congregação para a Santa Casa de Misericórdia local, dirigida atualmente por uma diretoria eleita por dois anos. A cidade conta com 6.000 habitantes; dista 280 Km de São Paulo, pela Estrada de Ferro Paulista. O lugar não tem ainda religiosos; só o Vigário, do clero diocesano. A Matriz está a trezentos metros das duas obras.

## PUBLICAÇÕES ENVIADAS A REDAÇÃO

CORNELIO PENA — ROMANCE, por Adonias Filho (Coleção "Nossos Clássicos" n.º 42) Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1960. 88 pgs.

EMILIANO PERNETA — POESIA, por Andrade Muricy (Coleção "Nossos Clássicos", n.º 43). Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1960. 100 pgs.

Thomas Suavet. CONSTRUIR A IGREJA (apostolado de Técnica, Técnica do Apostolado de hoje). Tradução de Frei Bernardo M. Catão O. P. (Coleção "Cidade de Deus", 1). São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1959. 272 pgs.

L. J. Lebre. DIMENSÕES DA CARIDADE. Tradução de M. Conceição Goulart Pacheco (Coleção "Cidade de Deus", 2). São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1960. 200 pgs.

Frei Mansueto Kohnen O. F. M. A VIDA DE SÃO CAMILO DE LELIS. 3a. Edição. Salvador, Edit Mensageiro da Fé 1955. 184 pgs.

Frei Mansueto Kohnen O.F.M. AO PAI POR CRISTO NO ESPIRITO SANTO. Salvador, Editora Mensageiro da Fé, 1959. 172 pgs.

Frei Mansueto Kohnen O. F. M. GERTRUD VOL LE FORT e A IDÉIA DO "REICH". 2a. Edição. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1958. 104 pgs.

Thomas Merton. O PAO VIVO. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1960 176 pgs.

Donoso Cortes. A CIVILIZAÇÃO CATÓLICA E OS ERROS MODERNOS. Introdução e tradução de José Pedro Galvão de Sousa. (Biblioteca Católica, Vol. 32). Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1960. 128 pgs

OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS — Tomo VI — CARTAS (I) — Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 1960. 344 pgs.

Maria Lúcia Amaral. JOAO BALALÃO: Petrópolis Edit. Vozes Ltda., 1959. 40 pgs.

Madre Cristina Maria PSICOLOGIA CIENTIFICA GERAL (Um estudo analítico do adulto normal). 2. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1960. 252 pgs.

---

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 22 de abril de 1960.

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFMcap.

Censor Eclesiástico